

COLEÇÃO DE ESTUDOS E DOCUMENTOS

Direção de Euríalo Canabrava

Diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais
e crítico de letras estrangeiras do "O Jornal"

R O S A R I O
F U S C O

VIDA LITERÁRIA

N O P R E L O

T R I S T ã O D E
A T A I D E

I N T R O D U Ç Ã O A O
D I R E I T O M O D E R N O

E U R I A L O
C A N A B R A V A

T E N D Ê N C I A S D O
N O V O H U M A N I S M O

T E O B A L D O
D E M I R A N D A
S A N T O S

I N T R O D U Ç Ã O
A P E D A G O G I A
C O N T E M P O R Â N E A

P R O X I M A M E N T E

NOVOS VOLUMES DE AUTORES DO MOMENTO,
ENTRE OS QUAIS:

AFONSO ARINOS SOBRINHO
LUIZ CAMILO DE OLIVEIRA NETO
SERGIO BUARQUE DE HOLANDA
E OUTROS

EDIÇÕES SEP

Anhangabaú, 774 — 3.º - sala 33 - SÃO PAULO

LUIZ DA CÂMARA CASCUDO

MONTAIGNE E O ÍNDIO BRASILEIRO

"DES CANIBALES" - XXX dos
"Ensaaios" - Tradução e Notas

CADERNOS DA HORA PRESENTE
Anhangabaú, 774 - 3.º andar - Sala 33
SÃO PAULO — BRASIL

gl. 12
1

J. XX.

MONTAIGNE E O
ÍNDIO BRASILEIRO

LUIZ DA CÂMARA CASCUDO

MONTAIGNE E O
ÍNDIO BRASILEIRO

"DES CANIBALES" - XXX dos
"Ensaaios" - Tradução e Notas

Renato Nicolai

CADERNOS DA HORA PRESENTE
Anhangabaú, 774 - 3.º andar - Sala 33
SÃO PAULO - BRASIL

à memória querida de
RONALD DE CARVALHO
dedico.

SEPARATA DO NUMERO 6
JANEIRO DE 1940

PREFÁCIO

MICHEL Eyquem de Montaigne nasceu no castelo de Montaigne, perto de Bergerac, a 24 de junho de 1533 e aí faleceu, 13 de setembro de 1592.

Em 1933, quarto centenário do seu nascimento, Ronald de Carvalho sonhou em comemorar-lhe a data com uma série de estudos brasileiros.

A festa não incluía submissão. Certos aspectos da **"cultura"** seriam olhados com independência. Era atualizar Montaigne, especialmente trazê-lo para o Brasil, examinando sua influência disfarçada mas sensível no universalismo democrático da época. Fiquei com o dever de traduzir e anotar o capítulo XXX dos **"Essais"**, o estudo de Montaigne sobre **"Des Cannibales"**, tão citado e ainda sem versão em português.

Depois não foi possível o **"Dia de Montaigne"** no Rio de Janeiro nem no Brasil. Ronald abandonou a idéia. Sei, entretanto, que ele escreveria sobre **"Montaigne e a Revolução Francesa"**. Era articular Montaigne a João Jacques Rousseau, liame visível e perpétuo.

Fiquei com algumas folhas da tradução iniciada. O tempo passou. Ronald faleceu. Não sei a quem mais convidara para ler Montaigne. Ronald tinha dêsses atrevimentos.

15 de fevereiro dêsse 1937 encontrei a tentativa de tradução. Recordei o animador 15 de fevereiro, aniversário da morte de Ronald. Resolvi completar o que começara, anotar como prometera e publicar como fôsse possível. Falta, desgraçadamente, a égide viva e magnífica que provocara a humildade do meu esforço.

Ao nome ilustre do querido amigo morto, dedico este trabalho que não surgiria sem o aceno de sua bondade generosa.

*
* *
*

A tradução de Montaigne é fiel ao seu espírito. A letra é impossível para mim. Escrevia Montaigne como pensava e não há melhor índice de seu raciocínio que o estilo hesitante, indeciso, vacilante, mas claro, simples, corrente. Diz-se, rediz-se, coleia, volta, esquece o que estava explicando e daí seus insistentes como-ia-dizendo, para-voltar-ao-ponto, voltando-ao-assunto, e mais despertar de atenção que se desviara para outros temas.

O vocabulário, de 1580, não pode ter o que chamamos elegância em 1937. Montaigne queria fazer-se entender. A roupa de sua idéia não o preocupava. Pleibeismos, modismos, regionalismos vão no rebojo de sua prosa descendo no meio de classicismos inesperados. Para um leitor do sec. XX não é agradável o próprio contato visual com a grafia quinhentista, erçada de consoantes que desvirtuam a memória dos vocábulos.

Quem cotejar minha versão com o original, certamente verificará a inteira fidelidade e nenhuma autonomia do tradutor. Andei acompanhando Montaigne quando era possível. Traduzir literal e servilmente seria deformá-lo de maneira radical.

*
* *
*

O estudo de Montaigne sobre os Canibais merece divulgação. É uma reunião de dados etnográficos curiosos. Muitos não são encontrados noutras fontes. Ele ouviu marinheiros e mercadores, fazendo relações com os viajantes da França Antártica. Hospedou muito tempo quem vivera doze anos no Brasil do meio século quinhentista. Apaixonou-se pelo assunto e reuniu em sua casa uma coleção de armas e utensílios indígenas. Em Rouen, com um intér-

prete, palestrou com um tupinambá, um **tuixáua** tamoio do Rio de Janeiro, registrando simpaticamente as respostas do chefe americano. Elogia tudo. Canções, armas, vida, costumes, instintos. Justifica até a antropofagia. Defende o indígena de todas as acusações. Não o podendo elevar até os franceses, desce estes até o nível daquele povo primitivo, narrando as brutalidades das guerras nos reinados de Henrique II, Francisco II, Carlos IX, Henrique III. E', prematuramente, um **"americanista"**.

"Des Cannibales" é ponto de partida para muito comentário. Aí o Homem da Natureza aparece puro, espontâneo, maravilhoso, anterior a qualquer pecado social. O Homem é bom e a sociedade o faz mau. Montaigne é o avô de Rousseau. O **"Contrato Social"**, cento e oitenta e dois anos depois, não teve melhor nem mais sonoro arauto. Muito se tem dito que o homem americano, nú, instintivo, tirando da natureza todas as necessidades, sem ambição de terra, contentando-se com o que possuía, armado de arco, flexa e tacape, construindo sua moradia, caçando e pescando como há vinte séculos, deu aos filósofos do século XVIII a noção do paraíso terrestre. Em todos os escritores não há maior entusiasmo que o de Montaigne. Para ele a vida do indígena brasileiro é superior à República de Platão. Vinte vezes Montaigne lamenta a perdição do índio que se aproxima da civilização. Essa espécie de antecipado remorso estava nas almas dos letrados. Um contemporâneo de Montaigne, Pierre de Ronsard, pedia que Villégagnon deixasse em paz **ton Amérique où le peuple inconnu, erre innocentement tout farouche et tout nu**, e aconselhava: —

**Pour ce, laissez-les là, ne romps plus, je te prie
Le tranquille repos de leur première vie.**

O índio americano, nú, comunista, impropriário, ainda quente da mãe natureza, sugeriu mais tarde o idealismo igualitário de Rousseau, escreveu João Ribeiro. Montaigne

acordára em plena madrugada, anunciando o dia longinquo,
but that is another story, diria Kipling.

*
* *
*

Também há de real e sincero em meu pequenino trabalho o desejo de vulgarizar o velho ensaiasta num estudo pouco lido sobre os índios do meu país. E' êsse um dos pensamentos determinados que me animaram aproximar Michel Eyquem de Montaigne dos iniciados estudos da indianologia brasileira.

LUIZ DA CÂMARA CASCUDO.

NATAL, maio de 1937.

"DES CANIBALES" XXX DOS ENSAIOS

QUANDO o Rei Pirrus passou para a Itália, depois que examinou a disposição do exército que os Romanos tinham enviado contra êle, disse: — não sei que Bárbaros são êstes aquí (os Gregos chamavam assim tôdas as nações estrangeiras) mas a disposição dêste exército que vejo não é absolutamente bárbara. O mesmo diziam os Gregos do mesmo que Flaminius fez passar para seu país, e Felipe, vendo duma colina a ordem e distribuição do campo romano, em seu reino, sob Publius Sulpicius Galba: — Eis aí como é preciso não ligar-se às opiniões vulgares, e é necessário julgá-los pelo caminho da razão e não pela voz comum.

Tive comigo muito tempo um homem que viveu dez ou doze anos nesse outro Mundo que foi descoberto em nosso século, na região onde Villegaignon se apossou, denominando França Antártica. (1) Êsse descobrimento de um país infinito parece ser de consideração. Não sei se poderei ao que aparecer de futuro a qualquer outros; tantos personagens, mais eminentes que nós, foram enganados nesse assunto. Temo que os olhos sejam maiores que o ventre, e tenhamos mais curiosidade que capacidade. Abraçamos tudo mas só estreitamos o vento.

Platão, citando Solon, contava ter sabido dos sacerdotes da cidade de Saís, no Egito, que, outrora, antes do dilúvio, havia uma grande ilha chamada Atlântida, direita à boca do estreito de Gibraltar, tendo mais de volume que a África e a Ásia reunidas; que os Reis dessa região não possuindo apenas a ilha mas estendendo seu poder à terra firme tão

avançadamente que a dominavam numa largura d'África até o Egito e no comprimento da Europa até a Toscana, resolveram passar sobre a Ásia e subjugar tôdas as nações que bordavam o Mar Mediterrâneo ao golfo do Mar Maior. Para êsse fim atravessaram as Espanhas, a Gália, a Itália, até a Grécia onde os Atenienses os sustiveram. Algum tempo depois os Atenienses, seus adversários e a própria ilha foram submersos pelo dilúvio. (2)

E' bem verossímil que a extrema devastação pela água fizesse estranhas transformações nas habitações da terra, como se sabe que o Mar dividiu a Sicília da Itália:

Haec loca, vi quondam et vasta convulsa ruina,

**Dissiluisse ferunt, quum protenus utraque tellus
una foret..... (3)**

Chypre da Grécia, a ilha do Negroponto da terra firme da Beócia e alhures juntou as terras divididas, enchendo de limo e de areia as fossas entre elas: —

**Sterilisque diu palus, aptaque remis,
Vicinas urbes alit, et grave sentit aratrum. (4)**

Não há, entretanto, grande semelhança de que essa Ilha fôsse êste Novo Mundo que acabamos de descobrir porque ela tocava quasi a Espanha e seria de efeito incrível a inundação haver recuado, como está, mais de duzentas leguas. Outra razão é ter a navegação dos modernos quasi descoberto que não é uma ilha e sim uma terra firme, continente, ligado a Índia Oriental por um lado e com as terras que estão sob os dois polos do outro, ou se ela é separada é por tão pequeno estreito ou intervalo que não merece por isto o ser chamada de ilha. (5)

Parece que há movimentos, naturais uns, tumultuosos outros, nesses grandes corpos, como nos nossos. Quando considero a impressão da minha ribeira de Dordogne fez,

de meu tempo, em direção à margem direita de sua descida, e que em vinte anos ela ganhou e destruiu os fundamentos de várias construções, vejo bem que é uma agitação extraordinária, porque se ela fôsse sempre neste passo onde devia ir ao futuro, a configuração do Mundo seria revolvida; mas ela toma mudanças, tanto se estendendo para um lado como para outro ou mesmo se contendo. Não falo das inundações súbitas de que explicamos as causas. Em Medoc, ao longo do Mar, meu irmão, senhor d'Arsac, viu uma sua propriedade sepultada sob as areias que o Mar vomitara. O cimo de alguns edifícios aparecem ainda. Suas rendas e domínios mudaram-se em rendimentos bem magros. Os habitantes dizem que, depois dalgum tempo o Mar se lançara tão forte em sua direção que perderam quatro leguas de terras. Essas areias são seus batedores. Vemos as grandes dunas de areia movente que marcham, de meia em meia legua, ante êle, ganhando terreno. (6)

Outra prova da antiguidade à qual se quer referir esta descoberta está em Aristóteles, no caso de ser dele êsse livrinho de Maravilhas desconhecidas. Conta êle que certos Cartagineses se tendo lançado através do mar Atlantico, além do estreito de Gibaltar, (7) e navegado longamente, descobriram enfim uma grande ilha fértil, toda revestida de vegetação e tálhada de grandes e profundos rios, muito distanciada de tôdas as terras firmes; e que êles, e depois outros, atraídos pela beleza e fertilidade dos terrenos, foram-na habitar com suas mulheres e filhos. Os senhores de Cartago vendo que seu país se despovoava pouco a pouco, proibiram expressamente, sob pena de morte, que ninguém mais fôsse até lá e, expulsando êsses novos habitantes acreditavam, pelo que dizem, que, pela sucessão do tempo, êles não se viessem a multiplicar de tal forma que suplantassem e arruinassem o próprio Estado. Essa narrativa de Aristóteles não está de acôrdo com as nossas novas terras.

Êsse homem que conheci era homem simples e rústico, o que é uma condição própria para tornar verídico o depoimento porque as gentes letradas olham um bem maior nú-

mero de cousas e mais curiosamente mas as glosam; e para fazer valer sua interpretação e a persuadir, não lhe é possível deixar de alterar um pouco a história. Não representam jamais as cousas puras mas as dobram e mascaram segundo a face com que as viram. Para dar crédito ao seu julgamento e vos atrair, cedem dêste lado ao assunto, alongando-o e ampliando-o. E' preciso um homem muito fiel ou tão simples que não tenha o que construir e dar verossimilhança às invenções falsas e que em nada esposou.

O meu era tal, ou por outra, desta forma. Fez-me ver diversas vezes vários marinheiros e mercadores que havia conhecido na viagem e desta forma estou satisfeito com essas informações, sem inquerir sobre o que dizem os cosmógrafos. Seriam mister topógrafos que fizessem a narração particular das regiões onde estiveram mas para ter esta vantagem sobre nós, de ter visto a Palestina, êles querem gozar o privilégio de nos contar as notícias de todo o resto do Mundo. (8) Quisera que cada um escrevesse o que sabe e tanto quanto sabe, não apenas nisto mas em tôdas as outras matérias porque se um pode ter algum conhecimento ou experiência pessoal sobre um rio ou uma fonte, e não sabia afinal sinão o que cada um sabia, empreenderá, todavia, para fazer valer êssa pequenina migalha, escrever tôda a Física. Deste vício nascem vários e grandes incômodos.

Ora, acho eu, para voltar ao assunto, que nada há de bárbaro e de selvagem nessa região, pelo que informaram, sinão que cada um denomina Barbaria o que não é de seu costume. Como verdadeiramente não temos outra mira de Verdade e razão que o exemplo e idéias das opiniões e usos do país donde somos, aí está sempre a religião perfeita, a perfeita administração, perfeito e completo uso de tôdas as cousas. Êles são selvagens como nós chamamos selvagens os frutos que a Natureza, por si por seu progresso ordinário, produziu, enquanto que, na verdade, são êsses que alteramos por nosso artifício e desviamos da ordem comum, que devíamos chamar selvagens. Naqueles estão vivas e vigo-

rosas as verdadeiras e mais úteis e naturais virtudes e propriedades. Nestes que abastardamos, acomodando-os ao prazer do nosso paladar corrompido, e tanto o sabor mesmo e a delicadeza encontramos ao nosso gosto excelentes em desafio dos nossos, em diversos frutos daquelas regiões sem cultura. Isto não é razão que a Arte vença a nossa grande e poderosa Mãe Natureza. Nós temos complicado tanto a beleza e a riqueza dessas obras por nossas invenções que as terminamos artificializando. E, em tôda parte onde sua pureza reluz, faz uma maravilhosa vergonha aos nossos vãos e frívolos empreendimentos.

**Ete veniunt hederæ sponte sua melius;
Surgit et in solis formosius arbustus antris**

Et volucres nulla dulcius arte canunt. (9)

Todos os nossos esforços não conseguem chegar a representar o ninho do menor passarinho, sua contextura, sua beleza e a utilidade de seu emprêgo, nem mesmo a teia da desprezível aranha.

Tôdas as cousas, diz Platão, são feitas pela Natureza, pela Fortuna ou pela Arte. As maiores e mais belas são por um e outra das primeiras, as imperfeitas e menores pela última.

Essas nações parecem portanto assim bárbaras por terem sentido muito pouco o feitio comum do espírito humano e estarem ainda muito vizinhas de sua espontaneidade original. As leis naturais ainda as dirigem, muito pouco modificadas pelas nossas, mas estão em tal pureza que fico às vezes triste de que a sabedoria não lhes haja vindo demasiado cedo, do tempo em que havia homens que soubessem julgar melhor que nós outros. Desagrada-me que Licurgo e Platão não mais existem porque me parece que o que vemos por experiência nestas nações é superior não somente a tôdas as pinturas de que a poesia embelezou a Idade Dourada, e tôdas as invenções para fingir uma condição feliz de homens, mas ainda à concepção e ao desejo

mesmo da Filosofia. Eles não podem imaginar uma ingenuidade tão pura e simples como a vemos por experiência, nem podiam crer que a nossa sociedade se pudesse manter com tão pouco de artifício e do fingimento humano.

E' uma nação, direi, à Platão, na qual não existe nenhuma espécie de tráfico, nenhum conhecimento de letras, nenhuma ciência de números, nenhum nome de magestade nem de superioridade política; nenhum emprêgo de serviçào, de riqueza ou de pobreza, nenhum contrato, nenhuma sucessão, nenhuma partilha, nenhuma ocupação que não seja gratuita, nenhum respeito de parentesco afora o comum, nenhuma roupa, nenhuma agricultura, nenhum mental, nenhum uso de vinho ou de trigo. Os próprios vocábulos que significam a mentira, a traição, a dissimulação, a avareza, a inveja, a detração, o perdão, desconhecidos. Quantos encontraram a república imaginada, distante dessa perfeição!...

Hos natura modos primus dedit (10)

Finalmente vivem eles numa região de um país muito agradável e bem temperado, de maneiras, ao que dizem minhas testemunhas, é raro ver-se um homem doente e me asseguraram não ter visto alguém tiritante, remeloso, desdentado ou curvo pela idade.

Residem ao longo do Mar, e pelo lado de terra, limitados por altas e grandes montanhas, havendo entre os dois cerca de cem leguas de extensão em largura. Têm grande abundância de peixes e de carnes que não parecem nada com as nossas e os comem sem outro artifício além de cozinhar.

O primeiro que levou um cavalo, embóra já tivesse relações doutras viagens, lhes fez tanto pavor nesta situação que o mataram a golpes de pau antes que o pudessem reconhecer. (11)

Seus edifícios são muito compridos e capazes de conter duzentas e trezentas almas. São cascas de grandes árvores, prêsas à terra por uma extremidade que se sustêm apoiadas

uma contra a outra, pelos cimos, à maneira de alguma das nossas granjas, das quais a cobertura pende até o solo e serve de flanco. Possuem madeiras tão duras que a cortam e delas fazem espadas e grelhas para assar (12) a comida. Seus leitos são tecidos de algodão, suspensos contra o teto como os dos nossos navios, (13) tendo cada qual o seu, porque as mulheres dormem separadas dos maridos. Levantam-se com o Sol e comem logo que despertam para todo o dia porque não fazem outro respasto sinão este. Eles não bebem então, como diz Suidas de alguns povos do Oriente que bebem depois de comer, bebem várias vezes por dia outro tanto. Sua bebida é feita duma raiz e é da cor dos nossos vinhos claretes (14). Só a bebem morna. Essa bebida só se conserva dois ou três dias, tem o gosto um pouco picante, nada embriagador, é salutar ao estomago e laxativo àqueles que não se habituaram. E' bebida muito agradável a quem se acostumou. No lugar do pão usam uma certa substância branca como o coriandro confeitado (15). Experimentei um pouco. O sabor é doce e um pouco insípido. Todo o dia se passa a dançar. Os mais jovens vão à caça de animais, armados de arcos. Uma parte das mulheres se distrai, nesse intervalo, aquecendo a bebida, o que é sua tarefa principal.

Há um dos velhos que, pela manhã, antes da refeição, predica em comum tôda granja, (16) passando duma ponta a outra e redizendo a mesma coisa várias vezes, até que haja terminado o giro, porque as residências chegam a ter duzentos passos de comprimento. Não lhes recomenda mais de duas cousas: — a valentia contra o inimigo e a amizade para com suas mulheres. Não esquecem nunca de salientar esta obrigação, para refrão "que são elas que conservam a bebida morna e sazoad".

Vêm-se em vários lugares, entre outros em minha casa, a forma dos seus leitos, de seus cordões, de suas espadas e braceletes de madeira com os quais cobrem os pulsos nos combates, e as grandes canas abertas numa extremidade pelo som das quais sustentam a cadência em suas dansas. (17)

Fazem-se depilar completamente, raspando o pêlo mais asseiadamente que nós, sem outra navalha que as de pau ou de pedra.

Crêm que as almas são eternas e as que bem mereceram dos Deuses serão colocadas no lado do Céu onde o Sol se levanta: os malditos, do lado do ocidente (18). Têm não sei que sacerdotes ou profetas, morando nas montanhas e raramente se apresentando ao povo. À sua vinda faz-se uma grande festa e assembléia solene em várias aldeias, cada granja, como já descrevi, faz uma aldeia, e estão, cêrca de uma legua francesa de uma a outra. Esse profeta fala a êles em público, exortando-os à virtude e ao dever mas tôda sua ciência ética só contém dois artigos: a coragem na guerra e a afeição a suas mulheres. Também prognosticam as cousas que hão-de vir e os acontecimentos que devem esperar de suas emprêsas; encaminha-os ou desvia-os das guerras mas é de tal forma que será preciso adivinhar bem porque se sucede diversamente do que foi predito, se o apanharem, será partido em mil pedaços o condenado como falso profeta. Por isso aquele que uma vez malcontentou o povo, não mais é visto. A adivinhação é dom de Deus, eis porque a impostura deve ser punível nos abusos. Entre os Cítas, quando os adivinhos falhavam seus discursos, eram deitados, presos pés e mãos, sôbre carros puchados por bois, e, cheios de tojo, faziam-nos queimar. Aqueles que manejam as cousas submetidas à conduta da suficiência humana são excusáveis de fazer o que podem mas êsses outros que nos vêm trapaceando as seguranças duma facilidade extraordinária que é acima do nosso conhecimento, é preciso não os punir por que não mantiveram o efeito de suas promessas e a temeridade de sua impostura?

Têm suas guerras contra nações que estão além das montanhas, na terra firme. Vão todos nús, tendo por armas os arcos ou uma espécie de espadas de madeira aguçadas numa extremidade, à maneira das línguas dos nossos piques.

E' cousa de maravilhar a firmeza de seus combates que não findam jamais sinão pelo morticínio e efusão de sangue,

porque os caminhos e o medo não sabem o que sejam. Cada qual conduz como troféu a cabeça do inimigo que matou e a coloca à entrada da sua cabana. (19)

Depois de haver longamente bem-tratados seus prisioneiros, (20) dando-lhes tôdas as comodidades que possam desejar, o que é senhor convoca, numa grande assembléia, todos os amigos. Amarra uma corda a um dos braços do prêso, pela ponta da qual o tem distanciado alguns passos, com medo de ser ofendido, e dá ao mais querido de seus amigos, o outro braço para segurar, de forma igual, e êles dois, na presença de todo o ajuntamento o abatem a golpes de espada. Isso feito, assam-no e comem em comum, enviando fragmentos aos amigos ausentes.

Não é, como se pensa, para alimentar-se, como faziam antigamente os Cítas, mas para exprimir a extrema vingança. São assim desde que se aperceberam que os Portugueses, aliados aos seus inimigos, empregavam outra maneira de morte contra êles sempre que os aprisionavam.

Consistia em enterrá-los até a cintura e atirar-lhe violentos golpes e enforcá-los depois. (21) Os selvagens pensaram que essa gente do outro mundo (como os que haviam semeado a prática de muitos vícios em sua vizinhança e os fizeram muito mais sabedores que êles próprios de tôda sorte de malícia) não perdia ocasião para exercer essa forma de vingança e que esta devida ser mais aguda que a sua, começaram a deixar a maneira antiga para imitar esta. (22)

Não estou triste por salientar o horror barbaresco que há em tal ação, há muito em que, julgando minuciosamente suas faltas, sejamos tão cegos às nossas. Penso que há mais barbarie em devorar um homem vivo que de o comer morto; em dilacerar pelos tormentos e martírios (gehennes) um corpo ainda cheio de sensibilidade, fazê-lo tostar miudamente, fazê-lo morder e ferir pelos cães e porcos (como temos não sômente lido mas visto, de memória fresca, não entre velhos inimigos mas entre vizinhos e concidadãos e, (23) o que é pior, sob pretêxto de piedade e de religião), que o assar e comer depois que morreu.

Crisipus e Zenon, chefes da seita estóica, bem disseram não haver nenhum mal em servir-se do nosso cadáver, que foi feito para nosso benefício, e tirarmos de lá o alimento, como nossos ancestrais que, estando assediados por Cesar na cidade de Alésia, resolveram contentar a fome dêsse cerco pelo corpo dos velhos, das mulheres e de outras pessoas inúteis ao combate. (24)

**Vescones, ut fama est, alimentis talibus usi
Produxere animas.** (25)

Os médicos não temem servir-se em toda espécie de remédios para nossa saúde, seja para aplicá-los dentro ou fora de nós. Mas não encontraremos jamais uma opinião tão desregrada que desculpe a traição, a deslealdade, a tirania, a crueldade que são nossas faltas ordinárias. Podemos-las bem chamar bárbaras relativamente às regras da razão mas não em relação a nós mesmos que as excedemos em toda sorte de barbaria. (26)

Suas guerras são nobres e generosas e há outro tanto de desculpas e de beleza que esta doença humana pôde merecer. Ela, entre os selvagens, não tem outro fundamento além da emulação da virtude. Não discutem eles a conquista de novas terras porque desfrutam ainda essa uberdade natural que lhes fornece, sem esforço e sem trabalho, todas as cousas necessárias em tal abundância que não há motivo para engrandecer suas fronteiras. Estão ainda nesse estado feliz de não desejar sinão o que suas necessidades naturais ordenam. Tudo o mais é supérfluo para eles. Os da mesma idade entrechamam-se irmãos, crianças os mais moços, e os velhos são pais de todos. Deixam aos seus herdeiros em comum essa plena possessão do bem indiviso, sem outro título além do puro direito que a Natureza dá às suas criaturas, produzindo-as para o Mundo.

Se os vizinhos atravessam as montanhas para assaltá-los e conseguem a vitória, o proveito do vitorioso é a glória e a vantagem de haver demonstrado ser mestre em valor e virtude porque não há o que fazer dos bens dos vencidos, re-

gressam ao seu país, onde nada lhes faltam, nem mesmo essa grande parte — saber felizmente gozar sua condição e contentar-se.

Outrotanto sucederá se forem êstes os vencedores. Não exigirão de seus prisioneiros outro resgate sinão a confissão e o reconhecimento de estarem vencidos, mas não se encontra um só, em todo um século, que não prefira a morte a relaxar, nem por atitude nem por palavra, um só ponto duma grandeza, duma invencível coragem. Não se vê nenhum que não deseje ser morto e devorado a solicitar apenas não o ser. (27) Os prisioneiros são tratados com toda liberdade para que a vida lhes seja mais apetecida e os entretém comumente com ameaças de morte futura, as torturas que irão padecer, os arranjos que são feitos para êste fim, o esquartejamento de seu corpo, e o festim que se fará à sua custa, tudo isso se faz para o fim único de arrancar-lhe da boca algumas palavra tímida ou acovardada, ou de dar-lhe vontade de fugir, para ganhar a vantagem de havê-los espavorido e ter feito ceder sua firmeza. Porque, pensando bem, é neste ponto que consiste a verdadeira vitória.

**Victoria nulla est,
Quam quae confessos animo quoque subjugat hostes.** (28)

Os Húngaros, belicosíssimos guerreiros, não usavam outróra de outra maneira depois de ter o inimigo à sua mercê, depois de lhe arrancado essa confissão, deixavam-no ir sem ofensa, sem resgate, exceto, no máximo, de exigir-lhe o compromisso de não mais tomar armas, dali em diante contra eles.

Muitas vantagens ganhamos contra os nossos inimigos que são vantagens emprestadas e não próprias; é a qualidade de um carregador, não da virtude, de ter os braços e as pernas mais rijas. E' uma qualidade morta e corporal como a disposição. E' um golpe de fortuna, fazer esmorecer nosso inimigo e de o ofuscar os olhos com a luz do Sol. E' uma arte ou ciência que pode ficar numa pessoa

inferior e covarde, bastando ser hábil na esgrima. A estimação e o valor de um homem consistem no coração e na vontade. E' aí onde reside sua verdadeira honra. A valentia é a firmeza e não as pernas e os braços, mas a coragem e a alma. Ela não consiste no valor do nosso cavalo e das nossas armas mas no nosso próprio valor. Aquele que tomba, obstinado em sua coragem, **si succiderit, de genu pugnatus**; (19) que em qualquer perigo de morte próxima não diminua nenhum ponto da sua intrepidez; que olha ainda, moribundo, com vista firme e desdenhosa seu inimigo, é um derrotado, mas não de nós, mas da fortuna. E' um morto mas não um vencido. Os mais valentes são às vezes os mais infortunados. Há perdas triunfantes que as vitórias invejam. Nem essas quatro vitórias irmãs, as mais belas que o Sol jamais viu com seus olhos, de Salamina, de Platéia, de Micalé, da Sicília ousarão opôr toda sua glória reunida à glória da derrota do Rei Leônidas e dos seus companheiros no passo das Termópilas. Quem correu jamais com maior desejo e gloriosa ambição ao ganho de um combate como o capitão Ischolas à derrota?

Quem mais engenhosamente e curiosamente se assegurou de sua salvação como ele de sua ruína? Ischolas estava encarregado de defender certa passagem do Peloponeso contra os Arcadianos, encontrando-se incapaz de cumprir sua missão em vista da natureza do terreno e desigualdade de forças, sabendo que tudo que levava ante o inimigo devia sucumbir e de outro lado julgava indigno de sua própria virtude e do nome lacedemônio falhar ao seu encargo, tomou entre dois extremos a parte mediana, resolvendo da seguinte forma: os jovens e dispostos de sua tropa conservou-os para trabalho e serviço de seu país e reenviou-os e, com os outros soldados cuja falta seria menos importante, deliberou sustentar a passagem e por sua morte fazer comprar aos inimigos a entrada a mais cara que lhe fôsse possível, tal lhe adveiu porque, cercado por toda a parte pelos Arcadianos, depois de ter feito uma grande carnagem, ele e os seus, foram passados a fio de espada. (30) Qual é o melhor troféu

destinado aos vencedores que não fôsse melhor devido a êsses vencidos? A verdadeira vitória tem sua posição na batalha e não na salvação e consiste a honra da virtude em combater e não em vencer.

Voltando à nossa história: é preciso que êsses prisioneiros confessem todos os seus feitos e, ao contrário, conservem durante êsses dois ou três meses de sua prisão uma atitude alegre. Êles instam para que seus senhores se apressem em submetê-los à prova, desafiam-nos, injuriam-nos, apostrofando-lhes a covardia e o número das batalhas perdidas contra os seus. Conservo uma canção feita por um prisioneiro onde há esta passagem: — "Que todos êles vêm ousadamente e se reúnem para jantar a êles próprios porque comerão apenas seus pais e seus avós que serviram de alimento e nutrição ao seu corpo. Êstes músculos — diz êle — esta carne e estas veias são vossas, pobres loucos que sois, não reconheceis que a substância dos membros dos vossos antepassados ainda em mim se conserva. Saboreai-a bem e encontrareis o gosto da vossa própria carne." (31) Invenção onde não se sente absolutamente a barbarie. Os que os pintam morrendo e que representam esta ação quando os atacam, pintam o prisioneiro escarrando no rosto de quem o mata e fazendo caretas. Verdadeiramente êles não cessam, até o último suspiro, de bravatear e desafiar com a palavra e o gesto.

Sem mentir, palavra de honra, eis aí homens bem selvagens porque é preciso que êles o sejam bem em plena consciência ou que nós o sejamos, e há uma maravilhosa distância entre sua maneira e a nossa.

Os homens têm várias mulheres e as têm tanto em maior número quanto melhor seja sua reputação de coragem. (32) E' uma beleza natural em seus casamentos porque o mesmo desejo que têm as nossas mulheres para impedir-nos da amizade e benevolência com as outras, as suas o possuem igualmente para fazê-las adquirir, estando mais cuidadosas da honra de seus maridos que de todas as outras cousas. Procuram elas e têm toda solicitude em ter um maior número

de companheiras, inda mais porque é uma prova de virtude do espôso.

Os nossos gritariam que era milagre mas não o é. É uma virtude propriamente matrimonial e da mais alta progênie. Na Bíblia, Lia, Raquel, Sára, e as mulheres de Jacó, fornecem suas belas servas aos seus maridos, e Livia secunda os apetites de Augusto em seu interesse; e a mulher do rei Dejotarus, Stratônica, entrega ao seu espôso não somente uma linda moça, dama de companhia de seu serviço, mas educa cuidadosamente os filhos e os ajudou na sucessão dos Estados de seu pai. E por fim, para que não se pense que tudo isto se faz por ser uma simples e servil obrigação o uso ou por impressão da autoridade de um hábito antigo, e por ter uma alma tão estúpida, incapaz de tomar outra atitude, é preciso indicar alguns traços de sua mentalidade.

Aquí está um trecho de uma das canções guerreiras que cito.

Começa assim “— Serpente pára, pára serpente para que minha irmã desenhe, sôbre o desenho da tua pintura, a forma e o trabalho de um rico cordão para que eu o possa dar à minha amada. Assim seja em todo o tempo tua beleza e tua disposição, preferidas a tôdas as outras serpentes!” (33)

Este primeiro verso é o refrão da cantiga. Ora, tenho bastante comércio com a poesia para julgar isso aquí onde não há apenas cousa alguma de barbarie nesta imaginação mas que ela é verdadeiramente anacreônica. Sua linguagem, afinal, é uma linguagem doce e há som agradável, lembrando as terminações gregas.

Três dentre eles, ignorando quanto um dia lhes custará, ao seu repouso e felicidade, o conhecimento das corrupções daqui, e que dêste contato nascerá sua ruína, como suponho que já esteja bem avançada (bem miseráveis por se terem deixado trapacear, abandonando a doçura do seu céu para vir ver o nosso!) foram a Rouan (34) no tempo em que o falecido Rei Carlos IX lá estava. O Rei falou-lhes longamente. Fizeram-lhes ver nossas maneiras, nossa pompa, a forma

duma bela cidade. Depois, um de nós lhes pediu a opinião e desejou saber o que mais tinham visto de admirável. Responderam três cousas, das quais esqueci a terceira, do que estou triste, mas tenho ainda duas na memória. Disseram que achavam, em primeiro lugar, muito estranho que tantos homens altos, trazendo barbas, fortes e armados, que estavam derredor do Rei (é verossímil que aludissem aos Suiços de sua Guarda) se submetessem a obedecer a uma criança e não escolhessem antes um outro entre eles para comandar. (35) Seguidamente (êles têm uma maneira de falar tal que indicam os homens, metades de uns e outros) que tinham percebido entre nós homens cheios e saciados de tôdas as comodidades, e que suas metades estavam mendigando às suas portas, descarnados de fome e de pobreza. Achavam estranho como estas metades necessitadas pudessem sofrer uma tal injustiça sem que agarrassem os outros pela garganta ou metessem fogo em suas casas.

Falei a um deles muito longamente mas tive um trugimão (36) que me seguia tão mal e que estava, por sua imbecilidade, impedido de compreender minha imaginação, que nada pude obter que valesse a pena.

Sôbre o que lhe perguntei, que fruto recolhia da superioridade que tinha entre os seus (porque era capitão e os nossos marinheiros o chamavam Rei) disse-me “marchar em primeiro lugar para a guerra”. (37)

De quantos homens era seguido? Mostrou-se um espaço de terreno para significar que eram tantos quantos pudessem caber num trecho, o que podiam ser quatro ou cinco mil homens. Se fora da guerra toda sua autoridade terminava? Disse-me que lhe restava esta: — quando visitava as aldeias dependentes de si, limpavam os caminhos, através dos valados do mato, para que passasse comodamente. (38)

Tudo isto não está muito mal, mas o que! êles não usam calções. (39)

NOTAS

(1) O nome de França Antártica foi dado pelo próprio almirante Nicolau Durand de Villegagnon quando, fazendo voltar as naus em que viéra, carregadas de pau-brasil e de outros gêneros do país, escreveu a Coligny, aos teólogos de Genebra e vários protetores seus, narrando a jornada e traçando planos. A data é no **"Rio Guanabara na França Antártica"**. Nicolau Barré, piloto da nau-capitânea, igualmente assinalou em sua missiva **"Ad flumen Genabara, in Brazilia, Franciae Antarticae, Provincia"**. O franciscano André Thevet, que viéra com Villegagnon, denominou seu livro (publicado em 1558, **Chez les heritiers de Maurice de la Porte, au Clos Bruneau, à l'enfeigne de S. Claude. Paris**) **"Les Singvlaritez de la France Antaretique, avtrement nommée Amerique: & de Plufieurs Terres & Ifles detouvertes de noftre temps"**. É o primeiro livro que se imprimiu em idioma neo-latino sobre o Brasil. Hans Staden é um ano anterior. Sua **"Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschenfresser 'Leuthen, in der Newen Welt America gelegen..."** teve no mesmo 1557 duas edições em Marburg e outras duas em Francfurt, tôdas em 1557 e em alemão. Thevet ainda foi o primeiro europeu que imprimiu a língua tupí, um **"Pater Noster"** que incluiu na sua **"Cosmographie Universelle, Paris, 1575"**.

Jean de Lery, luterano que a convite de Villegagnon habitara o forte Coligny e depois as malocas amerabas do Rio de Janeiro, publicou em 1578 (**"A la Rochelle, Antonio Chuppin"**) a curiosa e viva **"Histoire d'un voyage faict en la Terre du Bresil, autrement dite Amerique"**, mantendo a confusão entre Brasil e América nas mesmas edições latina de 1586 e na francesa de 1600, dedicada a Madame la Princesse d'Orange. O próprio **Ptolomeu** (na edição de Munster, 1552) ainda indicava o Brasil e América como sendo a mesma terra.

André Thevet não mereceu ainda uma tradução brasileira. Não há mesmo em português. A última edição francesa é a de Paul Gaffarel (**Maison neuve & Cie. Paris, 1878, avec notes et commentaires**). Lery tem, de meu conhecimento, duas traduções. Uma de Tristão de Alencar Araripe, publicada na revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo LII, parte II, página 115, Rio de Janeiro, 1889. Dela, com justiça, escreveu José Carlos Rodrigues — **"Além de esdrúxula e incômoda ortografia tem esta versão o defeito grave de ter suprimido não só a dedicatória a Coligny como o longo e importante Prefácio do autor"**. A outra edição é a de Monteiro Lobato (**"Companhia Editora Nacional"**, S. Paulo, 1926). Suprime o prefácio, condensa episódios, dispensa as orações e discursos de Villegagnon, esquece a dedicatória, etc. Foi base desta versão a edição de Gaffarel (**Paris, Alphonse Lemerre, 1880, dois volumes, com introdução e notas**) e a do conselheiro Alencar Araripe.

De Hans Staden, que é indispensável para o estudo do Brasil colonial, possuímos uma tradução de Tristão de Alencar Araripe — **"Relação verídica e sucinta dos usos e costumes dos Tupinambás"**, publicada na revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo LV, p-267, Rio de Janeiro, 1892, constando apenas de trechos referentes aos hábitos indígenas. Edição magnífica é a de Alberto Löfgren, comentada por Teodoro Sampaio e publicada em S. Paulo na comemoração do 4.º centenário em 1900, com o título de **"Staden: — Suas viagens e cativo entre os selvagens do Brasil"**, Monteiro Lobato possui igualmente um **"texto ordenado literalmente"**, **"Meu cativo entre os selvagens do Brasil"** (S. Paulo. Companhia Editora Nacional, 1926). A Academia Brasileira de Letras fez publicar em 1930, revista e anotada por Teodoro Sampaio, a **"Viagem ao Brasil"**, a mais aconselhada de todas as edições brasileiras. O dr. Richard N. Wegner publicou em Frankfurt a. M. (1925) uma edição facsimilada da primeira de Marburg, 1557.

A bibliografia sobre a França Antártica tem seus melhores documentos em Men de Sá (**"Anais da Biblioteca Nacional"**, vol. XXVII, p-129, Rio de Janeiro, 1909), onde o governador-geral do Brasil historia sua administração e as guerras para a expulsão dos franceses; Jean de Lery no livro citado assim como André Thevet no **"Singularitez"** e na **"Cosmographie Universelle"** onde dá detalhes, e nos **"Vrais portraits et vies des hommes illustres, Grecs, Latins et payens, anciens et modernes"** (ed. 1584) e na posterior, em oito volumes, 1670-71, onde biografa Villegagnon, Cunhanbebe e mais alguns tuxáuas tupinambás; Nicolau Barré, cuja nitidez em suas cartas merece realce pela simplicidade eloquente, está amplamente citado, com o texto de algumas cartas, no magnífico trabalho de Paul Gaffarel, **"Histoire du Brésil Français au seizième siècle"** (ed. Maisonneuve, Paris, 1878) assim como na rara coleção de Teodoro de Bry, **"Collectiones peregrinationum in Indian Orientalem et Occidentalem"**, especialmente na terceira parte **"Americae Tertia Pars, memorabile provinciae Brasiliae Historiam"** que compendia Lery e Staden e traz abundantes textos de Nicolau Barré; Marc de Lescarbot na **"Histoire de la Nouvelle France"** (Paris, 1609) traz a expedição de Villegagnon com minúcias possivelmente colhidas nas correspondências particulares dos expedicionários de 1555. A coleção de Ternaux-Compans incluiu a **"Histoire de la Nouvelle France"** em sua série, sob o número 401; as cartas de padre Joseph de Ancheta, publicadas eruditamente pela Academia Brasileira de Letras, comentadas brilhantemente por Afrânio Peixoto e Antônio de Alcântara Machado, **"Cartas, Catecismo, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões"**; a **"História do Brasil"** de frei Vicente do Salvador (ed. de 1918, S. Paulo, comentada e dirigida por Capistrano de Abreu), a **"História do Brasil"**, 1.º volume da tradução brasileira, de inglês Robert Southey, trad. de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e notas do cônego dr. J. C. Fernandes Pinheiro (Liv. Garnier, Rio de Janeiro, 1862); para não indicar Varnhagen **"História Geral do Brasil"** (1.º tomo) e Rocha Pombo, que fez um magistral resumo no IIIº volume da monumental **"História do Brasil"**, além das **"História do Brasil"**, para uso didáticos, de João Ribeiro e do jesuíta Rafael Galanti. Não conheço o livro de Artur Heulhard — **"Villegagnon, roi d'Amérique"** (Paris, Ernest Leroux, 1897) que Capistrano de Abreu manda ler com cautela, porque está eivado de prevenções. As **"prevenções"** de Heulhard são a defesa da catolicidade de Villegagnon.

Ver também o resumo que Alencar Araripe fez da viagem de Jean Paulmier de Gonneville, comandando o navio **L'Espoir de Hon-**

fleur, ao Brasil, em 1503-1509, (rev. Inst. Hist. Bras. tomo-XLIX — **Primeiro navio francês no Brasil**).

Como reparo meramente ilustrativo atento para a disparidade das grafias do nome do chefe da França Antártica. Villegaignon ou Villeganon? Thevet e Lery, seus contemporâneos, escreveram Villegagnon, como Heulhard que compulsou a documentária da época. Montaigne (os seus codificadores? disse Villegaignon mas Ronsard, no verso conhecido, usou Villegagnon. Entre nós a forma não despertou comentários mas João Ribeiro sempre escreveu Villegagnon como Rocha Pombo preferiu a outra grafia. Parece-me ser Villegagnon forma preferível por ter sido a do próprio aventureiro. No seu livro **Ad Articulos Calvinianoe**, editado em Venetiis (apud Gasparem Bindonum, MDLXII, 1562), com a colaboração do padre Joannis Garetius, vemos que o autor escreve — **Per Nicolaum Villegagnonem Equitem Rhodium**. (**"Biblioteca Exótica-Brasileira"**, Alfredo de Carvalho, vol-II, p-212. Rio de Janeiro 1930).

(2) A Atlântida possui uma bibliografia variada e rica. Não há idioma culto que não tenha livros sobre a ilha maravilhosa que se sepultou no fundo do mar. Em 1927 Jean Gattefossé e Claudius Roux publicaram a **"Bibliographie de l'Atlantide"** com 1.700 citações em 120 páginas. E as publicações não cessaram de aparecer nem o problema deixou de apaixonar. Na bibliografia brasileira lembro o livro de Domingos José Nogueira Jaguaribe — **"Brasil antigo Atlantide e Antiguidades Americanas"** (Casa Garraux, S. Paulo, 1910) e o completo e brilhante trabalho de Gustavo Barroso no **"Aquém da Atlântida"** (Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1931, p-1-55) com ótima bibliografia.

Montaigne, neste resumo que cita no seu ensaio, baseou-se no **TIMEU**, o famoso diálogo de Platão que ainda trata do mesmo tema em **CRÍTIAS**.

E' a fonte mais corrente e seguida, recordando a tradição que Solon houvera dos sacerdotes de Saïs do Egito. Plutarco lembra que Solon, já velho, pensara em escrever essa história num poema, **mais il y renonce bientôt, non, comme Platon l'a dit, qu'il en fut détournée par l'autres occupations mais plutôt à cause de sa vieillesse, et parce qu'il était effrayé de la longueur du travail** (**"Vie de Solon"**, trad. Ricard, vol-1, p-150. Paris, 1843). Os Atlantas haviam sido batidos pelos Atenienses e era motivo digno de ser tratado em verso.

(3) Virgílio, **"Eneida"**, livro-III, versos 114, 116, 117. Manuel Odorico Mendes traduziu:

**"Por convulsão violenta e vasta ruína,
Este lugar, se conta, há largas eras
Se espedaçou; formava um continente!"**

Do **"Virgílio Brasileiro"**, Manuel Odorico Mendes. H. Garnier, sem data.

(4) Horácio, **"Arte Poética"**, versos 65-66. Felix Lemaistre fez a seguinte versão em prosa francesa: — **"ces marais qui, longtemps stériles et sillonnés par la rame, maintenant nourrissent les cités d'alentour et s'ouvrent au soc de la charrue"**. (**"Oeuvres complètes d'HORACE"**, ed. Garnier, s. d. p-350). Poder-se-ia dizer que **"esses paúis que, outróra estéreis e sulcados pelo remo, agora nutrem as cidades vizinhas e se abrem à relha da charrúa"**.

(5) Montaigne não tem certeza da continentalidade do Brasil. Sabedor da ciência geográfica de seu tempo, curioso por todas as atividades intelectuais, perguntando e lendo sempre, eternamente atilado e vivo nos assuntos, escreveu que **les navigations des modernes ont déjà presque découvert que ce n'est point une isle, ains terre ferme et continent avecques l'Inde orientale d'une costé, et avecques les terres qui sont sous les deux poles d'autre part; ou s'elle en est separee, que c'est d'un si petit destroit et intervalle, qu'elle ne merite pas d'estre nommee isle pour cela.**

Quando Montaigne escreveu "**Des Cannibales**"? Começou os "**Essais**" em 1571 e publicou-os em 1580, Bordeaux, dois tomos in-8. Essa edição trazia apenas dois livros dos três que são atualmente, em um ou em dois tomos, conforme a edição. Na "**princeps**" de Bordeaux já estava o estudo sobre os Canibais. Montaigne alude neste ensaio ao "**feu roi Charles neufviesme**", o que denota ter escrito depois de 30 de maio de 1574, quando faleceu Carlos IX. Sabe-se que viajou pela Europa (Baden, Suíça, Alemanha, Itália) de 22 de junho de 1580 a 30 de novembro de 1581. Os "**Essais**" estavam, pois, terminados antes de junho de 1580 porque neste ano os publicou. Como Montaigne é um índice de cultura, poder-se-á ver a lentidão com que as conquistas geográficas iam sendo sabidas na Europa erudita do século XVI. Ainda o grande leitor dos clássicos, e familiar de viajantes, escrevia que **"les navigations des modernes ont déjà presque découvert que ce n'est point une isle"** e, desde 1501, trinta e dois anos antes de Montaigne nascer, quando ainda Cristóvão Colombo não realizara a quarta viagem em que visitou Honduras e Veragua, já se sabia em Portugal que o Brasil continuava, sem solução de continuidade, para o norte, até os extremos recobertos de gelos perenes.

Os representantes diplomáticos não esqueceram de transmitir aos seus governos as notícias colhidas na Corte del-rei dom Manuel.

A carta de Pascualigo, datada de Lisboa a 18 de outubro de 1501, informava ao Senado de Veneza sobre a chegada da nau dos Corte-Reais, vinda da Terra Nova, nove dias antes... **qual terra... etiam credono congiungerse con le Antille, che furono discoperti per li reali di Spagna, et con la terra dei Papagá, noviter trovata per la nave di questo re che andarono in Calicut.**

Onde é essa Terra dei Papagá? encontrada pela nau que fôra a Calicut? Pedro Álvares Cabral, descobridor oficial do Brasil, regressando da Índia, chegara a Lisboa a 26 de julho de 1501. No dia imediato, 27, Domenico Pisani di Giovanni, escrevia para Veneza, dando as novidades. E anunciava: **hanno discoperto una terra nova, chiamano la terra de li Papagá, per esser il Papagá longi uno brazo et più, de vari colori, de li qual ni hanno visto doy indichano questa terra esser ferme, perché corseno per costa duo mile mia, ne mai trovorno fine.**

A **insula papagalarum**, indubitavelmente terra brasileira, aí está nitidamente indicada como **questa terra ferme**, visitada num exa-gêro de duas mil milhas. Afirma-se em 1501 o que parecia a Montaigne **presque découvert que ce n'est point une isle**, setenta e nove anos depois.

Nesta mesma altura desmente Montaigne a suposição do Brasil ser uma parte da Atlântida fabulosa. Ainda hoje é tema discutido com partidários fervorosos. Há pouco tempo mereceu o livro erudito de Rafael Requena — **Vestigios de la Atlantida** — (Caracas, 1932) onde se procura demonstrar, geológica e etnograficamente, que a Venezuela, nas ribas de Ocumare, prendera-se à terra mítica que dorme no seio do oceano.

Se os mareantes, cosmógrafos e mercadores de Portugal, Espanha e França punham a lenda de lado, a tradição, teimosa e palpitante, obstinava-se em viver e surgir nos livros mas austeros do século XVI.

No "**Ptolomeu**" (edição de Munster) de 1552 ainda se lê: **Novis Orbis: Insula Atlantica quam vocant Brasili et Americam...**

(6) O inverso se dava na Inglaterra. No tempo de Montaigne as cidades de Lowestoft e de Covehitte estavam no interior do condado de Suffolk. Atualmente são portos no Mar do Norte.

(7) Montaigne escreve sempre Gibraltar e não Gíbraltar, forma demasiado corrupta de "**Djebel-al-Tarik**", **montanha de Tarik**. Em 711, Tarik, lugar-tenente de Musa, dirigindo um exército, atravessou o estreito e bateu em Xerez o último rei visigodo de Espanha, Rodrigo. **Djebel al Tarik, Jebel-al-Tarik, Jebel-al-tar, Gibraltar.**

(8) Essa ironia de Montaigne para os cosmógrafos e topógrafos cujo maior prestígio não seria a verossimilhança dos relatos mas a memória das jornadas nas regiões longínquas, parece-me ser dirigida ao franciscano André Thevet, historiógrafo e cosmógrafo do Rei, protegido por vários soberanos, viajante do Oriente e Ocidente, autor da "**Cosmographie du Levant**" (1554) e da "**Cosmographie Universelle**" (1575), amigo de Joachim du Bellay, Etienne Jodelle, Ronsard, Baif, de Jean Dorat o helenista e de Gilbert Genebrard, o hebraizante, nomeado ainda **"garde des curiosités du Roi"**. Montaigne forçosamente encontrou Thevet na Corte quando a frequentou. Carlos IX doara ao franciscano a abadia de Masdion, em Saintonge. Coberto de empregos e remunerações, cheio de amizades ilustres, Thevet, crédulo e simples, devia ser vagamente desfrutável. Existe a alusão à viagem da Palestina, feita por Thevet e narrada por um poeta de "Pleiade", Jean-Antoine de Baif: **"Tu reviens en la Palestine — Voir la sainte Hierusalem"**.

Não é crível Montaigne ter desconhecido Thevet nem deixado de ler seu livro sobre o Brasil, a "**Singularitez**", que tiveram duas edições no mesmo 1558, uma em Paris e outra em Antuérpia. Ao viajante derredor-de-si-mesmo, que sempre foi Montaigne, a palrice imaginosa de Thevet e seus ares de veterano-do-Mundo-Novo, desagradariam. Daí o golpe leve e fino e a ausência da citação de uma testemunha ocular das regiões descritas por informações de marinheiros e mercadores que o letrado preferiu aos raciocínios e contos do frade de Angoulême.

(9) Propércio, livro I.º, segunda Elegia, "**ad Cynthiam**". Nas "**Oeuvres de Catulle, Tibulle et Propertius**", da coleção Panckoucke (Garnier, s. d. p-255) J. Genouille assim traduz para prosa: — **"vois le lierre se déployer tout seul avec plus d'énergie, l'arbrusier s'élever plus florissant dans les antres solitaires... et les plus savants accords ne vaudront jamais la douce harmonie des oiseaux"**. Dir-se-á também: — **"vês a hera estender-se sozinha com mais energia, o medronheiro elevar-se florescente nos antros solitários... e os mais sábios acórdãos jamais valerão a doce harmonia dos pássaros"**.

(10) Virgílio, "Geórgicas", livro-II.º, verso-28. Em versão cômoda será: "Tais foram as primeiras leis da Natureza". Manuel Odorico Mendes é demasiado sibilino nesse trecho.

(11) Com êsse episódio Montaigne traz mais outro documento contrário à tese de que tínhamos o cavalo na América precolombiana. Não se discute que possuímos espécies extintas hoje mas não se prova a contemporaneidade do solípede com qualquer das civilizações ameríndias. Que tivemos um cavalo prediluviano está fóra de dúvidas.

Darwin encontrou-lhes os restos ósseos na Baía Blanca ("Mi viaje alrededor del Mundo", tomo-1.º, p-90, ed. Prometeu, Valencia, Espana) e traçou mesmo a rota por onde teriam vindo outros tipos (idem, p-137).

Gustavo Barroso aduz vários argumentos ("Aquém da Atlântida", 94, 95) mas o problema não se resolve. Humboldt afirmava que o cavalo tivesse existido no continente mas não que vivesse com os homens. E cita o mesmo G. Barroso os proto-hipus ungulados, o cavalo de Júlio Cesar que teve estátua deante do templo de Venus Genitrix, como diz Suetônio ("Jules César", LXI, p-44 da edição Garnier, trad. Cabaret-Dupaty) e o cavalo de Seius (Aulo Gélo, "Les Nuits Attiques", livro III.º, IX, 1.º volume, p-170, da ed. Garnier) que nada tinha de anormal além de atrair desgraças para seus possuidores. O arqueólogo francês Desiré Charnay, citado pelo sr. Gustavo Barroso, declara ter-se deparado com fósseis de cavalos nas escavações toltecas de Tula.

O registro da História é outro. Os índios americanos tinham perdido inteiramente a idéia do animal e quando o viram, ou o tornaram a ver, ficaram apavoradíssimos. Os cavalos levados por Cortez assombraram de tal forma os já civilizados indígenas que os Itzas do lago Peten guardavam um osso do cavalo de Cortez e o veneravam sob o nome de "Tziminchac", deus-do-trovão. Quando Álvaro Nunez Cabeça-de-Vaca atravessou, de S. Catarina ao Paraguai, as inúmeras aldeias aborígenas, em 1541, sua cavalaria (27 cavalos) foi decisiva em todos os efeitos. Nos "comentários" (rev. Instituto Histórico Brasileiro, tomo LVI, parte-I, p-210, Rio de Janeiro, 1893) lemos: — Era realmente curioso observar o terror dos índios, vendo os cavalos. Com medo de desagradar a êstes animais, traziam-lhes toda a sorte de alimento, galinhas, mel, e outras cousas, dizendo-lhes que não se enfadassem, pois lhes dariam bem o que comer, e que se tranquilizassem, porque não abandonariam as suas aldeias". Chegamos a ter, é verdade, uma tribo de índios cavaleiros, os guaicurús, mas foi-lhes a montada hábito adquirido posteriormente ao domínio europeu. Montaigne regista um depoimento valioso.

(12) Essas grêlhas (grils) constituem característica. E' o muquem ou mocaentáua. O conde Stradelli descreve: — Mocaen — Girau de varas soltas, conservado a altura conveniente em cima do fogo para nele secarem com a exposição ao calor moderado carnes de peixes, pássaros ou quadrúpedes. E' o meio indígena de conservar as carnes por muito tempo. ("Vocabulário Nheengatá-português", rev. Inst. Hist. Bras., tomo-104, vol-158, p-528. Rio de Janeiro, 1929). Daí o moquear e seu correspondente francês boucaner.

Alfred Metraux, organizando os quadros com a sistematização dos elementos culturais nas tribus tupís-guaranís, considerou o

muquem como uma permanente. ("La civilisation matérielle des tribus tupí-guaranís", Pgs. 296 e 109. Paul Geuthner. Paris, 1928)

Tastevin ensina: — "BOUCANER — En tupy mukaen ou mbukaen", "cuire", composé de mu ou mbu "faire" et caen ou cai "bruler". De là vient: "boucan", en tupy mukaen tawa, gril en bois, installé sur un trépied élevé et sur lequel on dispose le gibier ou le poisson que l'on veut cuire et dessécher à la fumée; de là vient encore "boucanage", action de boucaner; et "boucanier" nom donné au XVIII siècle aux flibustiers des Antilles, sorte de pirates des îles qui vivaient surtout de chasse, de pêche et de pillage. La viande boucanée peut se conserver plusieurs jours, si le boucanage est bien fait."

Tastevin — "Origine des quelques mots français empruntés à la langue tupy-guarany". ("Les Missions Catholiques", n.º 2623, Lyon, 12 de setembro de 1919, p-441).

(13) A rede-de-dormir dos tupís era a ini ou inni, ini, a maca, a maquirá, batida no tear, feita da fibra das palmeiras mirití (Mauritia flexuosa. L), tucum, carauá, etc., com varandas enfeitadas de penas. Os tupís empregavam essencialmente a fibra do algodão. No rio Negro chamam a ini ou maquirá, quisáus, ou trinta-fios. E' a mais rudimentar das redes-de-dormir. Constitue uma permanente como elemento de diferenciação cultural. Os etnógrafos ensinam que os índios doutras raças receberam dos tupís o uso das redes. Os gês desconheciam-na. Fernão Cardim (1540-1625) assim descreve: "Todo êste gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficão nelas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como ficam no ar, e não tem outros cobertores nem roupa, sempre no verão e inverno tem fogo debaixo" ("Do princípio e origem dos índios do Brasil", ed. J. Leite. Rio de Janeiro, 1925. p-166). A primeira representação duma inni ameríndia foi o desenho ilustrativo das aventuras de Hans Staden. Gandavo ("História da província Santa Cruz", p-129). As camas em que dormem sam umas redes de fio de algodão.

(14) A raiz de onde os indígenas faziam o vinho favorito era o aipi, aipim, Manhot aypi, Pohl. Foi descrita por todos os cronistas coloniais e ainda constitue acepipe de gosto acentuatadamente popular.

Gabriel Soares de Sousa ("Roteiro do Brasil" em 1587, rev. Inst. Hist. Bras., tomo-XIV, p-318, Rio de Janeiro, 1851) registou: — "Este gentio é muito amigo de vinho, assim machos, como fêmeas, o qual fazem de todos os seus legumes, até de farinha que comem; mas o seu vinho principal é de uma raiz a que chamam aipim, que se coze, e depois pisam-na e tornam-na a cozer, e como é bem cozida, buscam as mais formosas moças da aldeia para espremer êstes aipims com as mãos, e algum mastigado com a boca, e depois espremido na vasilha, que é o que dizem que lhe põem a virtude, segundo a sua gentildade; a esta água e sumo destas raízes lançam em grandes potes, que para isso têm, onde êste vinho se coze, e está até que se faz azedo; e como o está bem, o bebem com grandes cantares..."

E' a bebida que os índios amazônicos chamam caxiri ou tiquira, que é a aguardente da mandioca. A denominação genérica para as bebidas indígenas, fermentadas e espirituosas, é caui ou cauim, de caú, embebedado, bebido, e i, água; caui, água do bebado. A comparação com a côr dos vinhos clarêtes já a fizera Thevet —

est de semblable couleur que le vin clair — ("Singularites", p-121). Para o norte do Brasil chamam o alpim, **macachêra**.

(15) A substância branca que substitue o pão para os selvícolas e que Montaigne provou, é a farinha de mandioca, base de sua alimentação. Jean de Lery dedicou todo o capítulo IX de seu livro narrando seu fabrico da farinha e seus sub-produtos, indispensáveis à vida do brasileiro ainda hoje. O fabrico da farinha constitui tarefa feminina. Ver a monografia de Koch-Grunberg sobre o trabalho feminino nas tribus do nordeste brasileiro ("Frauenarbeit bei den Indianern nordwestbrasilien", XXXVIII, Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft, Wien, 1908). "Elas fazem a farinha — ensina Jean de Lery — de dois modos, a saber, farinha muito cozida e dura, a que os selvagens chamam uhi-antan, da qual se provêem, quando vão à guerra, por melhor se conservar; e outra menos cozida e mais tenra, a que chamam uhi-pon, a qual é muito melhor do que a primeira, porque, pondo-a na boca e comendo-a, quando está fresca, diríeis ser miolo de pão branco, ainda quente. Ambas, sendo cozinhadas, mudam esse primeiro sabor, de que falei, em outro mais agradável e delicado" (opus cit-p-195).

(16) Essa pregação indígena ao alvorecer foi registada nos velhos cronistas do século XVI como um dos hábitos mais espalhados e de fiel cumprimento. O padre Simão Cardim explica a origem. "...pelas madrugadas há um principal em suas ocas que deitado na rede por espaço de meia hora lhes prega, e admoesta que vão trabalhar como fizeram seus antepassados, e distribue-lhes o tempo, dizendo-lhes as cousas que hão-de fazer, e depois de levantado continua a pregação, correndo a povoação toda. Tomaram este modo de um pássaro que se parece com os falcões, o qual canta de madrugada e lhe chamam rei, senhor dos outros pássaros, e dizem eles que assim como aquele pássaro canta de madrugada para ser ouvido dos outros, assim convém que os principais façam aquelas falas e pregações de madrugada para serem ouvidos dos seus", ("Tratado da Terra e Gente do Brasil", Rio de Janeiro. Ed. J. Leite, 1925, p-166-7).

(17) Montaigne, por sua confissão, mostrou possuir uma coleção etnográfica, como diríamos hoje. Menciona objetos de uso indígena, verdadeiramente característicos. Os cordões são colares, **uatapús**, de conchas, dentes de animais ou caroços secos. Hans Staden viu em Cunhanbebe um **uatapú** de conchas que lhe dava três voltas. Primitivamente esses **iaurapóras** eram troféus guerreiros, com os dentes dos inimigos vencidos, entremeados de caninos de onças, macacos e caitetés. Os das mulheres eram apenas enfeites, sem significação militar, e feitos de flores, sementes ou caroços vistosos, depressa substituídos pelas contas de vidro e missangas trazidas pelos traficantes.

As espadas são os **tacapes** ou **cuidarús**, clavas ou massas de guerra, feitas de **jucá** (*Caesalpinia ferrea*, Mart) também chamada "pau-ferro", **Jucá**, **iucá**, é o verbo matar em **nhêengatú** (tupí do norte).

Não consigo identificar esses **brasselets de bois**, de quoy ils couvrent leurs poignets aux combats. Os indígenas usavam e usam essas ligas mas tecidas de fibras vegetais, cobertas de contas e

sempre com desenhos lindos, constituindo peça inseparável de seu dono. Não somente as usam nos pulsos e comprimindo os deltóides como também abaixo dos joelhos e nos jarretes. Verdade é que Metraux indica alguns braceletes que defendem o pulso do atrito do arco. Dois, que púde ver, são ambos de fibras. Seriam escudos? Os tupís empregavam essa arma defensiva e Gabriel Soares encontrou alguns **pavezes, que fazem de um pau mole e muito leve**, (opus cit., p-329) mas o escudo comum e natural era o feito com couro de anta (*Tapirus americanus*, Briss) ou **tapiretê**, que são sinônimos. "Há uns animais na terra, notou Pero de Magalhães Gandavo — a que chamam Antas, que são de feição de mulas, mas não tão grandes, e têm o focinho mais delgado, e hum beiço comprido à maneira de tromba. As orelhas são redondas e o rabo não muito comprido; e são cinzentas pelo corpo e brancas pela barriga". ("História da província Santa Cruz", ed. Anuário do Brasil, p-103, Rio de Janeiro, 1924). André Thevet ("Singularitez", p-190) e Lery ("História de uma Viagem", p-252) descrevem o escudo como sendo feito do couro do **tapirussú**, a espécie maior das antas. O mesmo se vê no extremo norte do Brasil, entre os índios aruacos do rio Negro, que só conhecem o escudo (**láua** para os tarianas e **iunimesára** para os tupís, de **iunimi**, esconder, ocultar, e o sufixo adjetivante **sara**, indicando o agente) feito de couro de anta.

A cana que sustenta o ritmo da dança é, para os índios do norte, o **murucú**. O conde Stradelli descreve como sendo: — **Longa haste ornamentada de plumas e de desenhos em alto relevo e munida de uma ponta de lança móvel, e alguma rara vez de um ferrão de arraia, num dos lados e no outro de um maracá, aberto na própria madeira em que é feito o murucú, acabando em ponta o endurecido ao fogo.** É a insígnia dos chefes de muitas tribus do Uaupés e Japurá, e dela se servem hoje para puxar as dansas, como já se serviram para guiar os próprios guerreiros na peléja. O **murucú** é geralmente usado pelas tribus que usam o torocana, parecendo por isso mesmo arma **tupí-guaraní** ("Vocabulário" cit. p-559). Creio que o bastão de ritmo é posterior ao **maracá**, como cadenciador dos poracís indígenas (bailos, como escrevia Fernão Cardim) porque o **maracá** era o instrumento ritmador por excelência, citadíssimo em todas as dansas e ainda hoje indispensável nas "cantorias" do litoral do nordeste brasileiro, para os solistas que o empregam nos "côcos" e "emboladas", dando, porém o nome africano de **ganzá**. Dos cronistas coloniais apenas Gabriel Soares de Sousa cita o bastão de ritmo mas como um instrumento. Falando dos índios Tupinaês, do sertão baiano, escreveu Gabriel Soares: — "Costumam estes índios nos seus cantares tangerem com um canudo de uma cana de seis e sete palmos de comprido, e tão grosso que cabe um braço, por grosso que seja, por dentro dele; o qual canudo é aberto pela banda de cima, e quando o tangerem vão tocando com o fundo do canudo no chão, e tão tanto como os seus tambores, de madeira que os eles tangerem" (opus cit, p-345). Nordenskiöld, no segundo quadro dos elementos da Oceânia na América do Sul, incluiu o **bâton de rythme**, como existente na região amazônica, no Brasil oriental e na Melanésia, ("Origin of the Indian Civilizations in South America", p-263, Comparative Ethnographical Studies, IX, Goteborg, 1931). Alfred Metraux menciona-o em seus quadros na "Civilization matérielle des tribus Tupi-Guarani", (ps-226 e 296, Paris, 1928) e já publicara no "Journal de la Société des Américanistes de Paris" (tomo-XIX, Paris, 1927) um estudo magnífico aproximando o **bâton de rythme** da cultura melanesiana no continente sulamericano. Os índios Crixanás do rio Branco (Amazonas) dão ao **bâton de rythme** o nome de **cauacauá**, e é de colmo de taboca.

fechado numa extremidade ("Vellozia", vol-II.º, p-108. Rio de Janeiro, 1892).

A contribuição de Montaigne não é, pois, sem valor. O **bâton de rythme** que lhe presentearam seria dos indígenas do recôncavo guanabarrino? Do norte, possivelmente não viera. É um adiantamento na área cultural do ritmador dos poraéis intermináveis e sonoros dos nossos avós amerabas.

(18) A idéia de que os índios brasileiros não tinham religião foi uma espécie de dogma para os estudiosos do Novo-Mundo. **Essa gentildade nenhuma cousa adora** (Manuel da Nobrega); **nenhuma criatura adoram por Deus** (Joseph de Anchieta); **nem adoram a cousa alguma, nem têm para si que há depois da morte glória para os bons, e pena para os maus** (Gandavo); **não adoram certos deuses, nem reconhecem certas divindades** (Simão de Vasconcelos); **além de não terem reconhecimento algum do único e verdadeiro Deus, são tais, que não confessam, nem adoram deuses celestiais nem terrestres** (Lery); **não têm espécie alguma de religião, pois não adoravam um Deus celeste ou terrestre** (Claude d'Abbeville); **não adoravam nenhuma cousa** (Gabriel Soares de Sousa); **numina nulla, deos nullos colunt** (Barleus); **neque deum aliquem noverunt, neque proprie adorant quicquam, unde nec illud nomen in iporum idiomate reperire est quod deum exprimat** (Johannes de Laet, anotando Marcgrav).

O próprio Villegagnon, o Paicolá dos tupinambás cariocas, tão elogiado por Men de Sá pela sua afeição aos selvagens, não tivera melhor nem mais alta impressão de seus súditos. Em sua famosa carta ao reformador Calvino, o **"Roi de l'Amerique"** estava positivamente mau humorado em ver-se numa **terre de gens farouches et sauvages, du tout differentes de nous, sans religions ni aucuns connoissance d'honnêteté ni de vertu, en sorte qu'il me venait en pensée si nous étions tombés entre bêtes portant la figure humaine.**

A nota de Montaigne é uma das exceções, raras e, certamente, exprimindo uma aproximação à verdade religiosa dos amerabas.

André Thevet não esteve também na quasi unanimidade dos cronistas coloniais. **Ce que j'ay entendu les interrogât, que deuenoite leur sprit quand ils mouroïent. Les ames, disent-ils, de ceux qui on vertueusement combattu leurs ennemis, s'en vont avec plusieurs autres ames aux lieux de plaisance, bois, jardin et vergiers: mais de ceux qui, au cōtraire, n'auront biẽ defendu le pais, s'en iront avec Agnan, ("Singularitez", p-181).** O padre Ivo d'Evreux igualmente se destacou do cōro da irreligiosidade indígena escrevendo — **"pensam, e muito naturalmente, que as almas dos maus vão ter com Jeropari, que são elas que os atormentam de concommitância com o próprio diabo, e que vão residir nas antigas aldeias, onde são enterrados os corpos, que habitaram. Pensam que as almas dos bons, vão para um lugar de repouso, onde dançam constantemente sem nada lhes faltar. ("Viagem do Norte do Brasil", p-294, Rio de Janeiro, 1929).** O jesuíta Fernão Cardim não deu sua adesão ao credo do ateísmo dos incolos brasileiros: **sabem que têm alma e que esta não morre e depois da morte vão a uns campos onde há muitas figueiras ao longo de um formoso rio, e todas juntas não fazem outra cousa senão bailar. ("Tratados da Terra e Gente do Brasil", ps-161-62).** Se pensarmos que a dança constituía para o indígena a suprema alegria, constatada pelos velhos observadores do séc. XVI. Cardim, Anchieta, Nobrega, Gabriel Soares e os do séc. XVII, d'Abbeville, Evreux, Vasconcelos, etc., teremos uma visão do paraíso.

A curiosidade maior do depoimento recolhido por Montaigne é a divisão das almas na região supraterrena, em relação ao Sol, informação inexistente noutras fontes.

(19) O uso do crânio-troféu é universal e tem sido registado em todos os povos primitivos. No Brasil não somente encontraram o costume entre os Tupís mas noutras raças, como Caraiabas, Aruaços, Gês, etc. A nota de Montaigne é endossada por Thevet, Lery, os jesuítas, Hans Staden, Gandavo, etc. Graebner, W. Schmidt, Nordenskiöld, Rivet mostraram a simultaneidade dos crânios-troféus na América, norte, centro e sul, assim como na Oceânia e arquipélago Malaio. Na América do Sul, exceto nas planícies argentinas, são numerosos os espécimens desenterrados e recolhidos aos museus. Nas lendas dos índios Uananas, do grupo linguístico que Brinon criara sob o nome de Betóia e que mais tarde Paul Rivet separou para constituir os Tucanos, fixando os Betóias propriamente ditos na família Chibcha, há o mesmo hábito mencionado várias vezes, assim como nos Tarianas que são Aruaços no rio Negro e seus afluentes. O antropólogo Milciades A. Vignati estudando **"Los crânios Trofeo de las Sepulturas Indigenas de la Quebrada de Humahuaca"** (Arquivos del Museu Etnografico N. 1, da Facultad de Filosofia y Letras. Buenos Aires. 1930) alargou o quadro de George Friderici, agrupando os crânios-troféus na seguinte disposição: — **"sem preparo, guaranis, araucanos, guaiacurús, chiriguanos, maticos; com preparo, sendo toda a cabeça (sem ossos, sem carne, mantendo-se a cabeleira, com a redução craniana) Jivaros e afins; cabeça toda mas sem carnes, ficando pele, cabelos e tamanho nas dimensões normais, mundurucús, (que guardam o crânio não perfurado) e os Nascas que o perfuram. O crânio limpo é habitualmente conservado pelos Parintins, que o não perfuram, sendo o contrário os Ticunas. Perfurando, sem desossar, nem descarnar, perfurando apenas, usam os Humahuacas."** Os Mundurucús, que no quadro de Vignati não reduzem a cabeça tornada troféu, são conhecidos como sabedores de um método de redução. Conseguem tornar um crânio de homem do tamanho duma cabeça de macaco pequeno sem que hajam desaparecido as características fisionômicas. Apenas conservam o tamanho natural dos cabelos. Os mundurucús chamam a cabeça assim preparada e reduzida **"pariná"** e de seu processo Henri Coudreau (**"Voyage au Tapajoz"**, ed. A. Lahure. Paris, 1897, p-131) dá um resumo essencial e claro.

A razão dos crânios-troféus é simples. Além de uma demonstração integral de vitória completa e decisiva ainda existe a explicação da magia. Os valores sobrenaturais do morto ficarão velando e protegendo quem lhe guarda a cabeça. **La possession d'os, et en particulier de crânes,** ensina Levy Bruhl (**"L'Ame Primitive"**, ed. Felix Alcan, Paris, 1927, p-314) **peut être d'un grand avantage, puisqu'elle permet de disposer de la force mystique du mort. C'est là, comme on sait, une des raisons qui ont fait de la chasse aux têtes une coutume si répandue et si tenace.** O crânio-troféu denuncia que a tribo já está fixada e com um grau de civilização superior ao nômade.

(20) O tratamento dado aos prisioneiros é, unanimemente, louvado pelos cronistas coloniais. Não há exemplo sinão de elogios pela liberdade relativa que o condenado à morte desfrutava e as extraordinárias concessões que lhe permitiram. A noiva da morte,

moça que vivia com o prêso seus últimos dias, a abundância dos manjares, o direito de tomar parte nas festas públicas, beber e dançar com seus futuros carrascos, são notas que sabemos comuns aos historiadores que descreveram o Brasil do século XVI.

Não cabe aqui algum comentário sobre a antropofagia e sua significação ritual. Distava, como dia a dia se estuda, de uma depravação de paladar ou dum requinte de vingança. A vingança assumia aí, no **blood sacrifice complex**, como diz Loeb, os aspectos supremos de uma absorção de energia e de uma expiação aos antepassados caídos nas velhas batalhas. Para a própria vítima havia apenas orgulho em saber morrer e nenhum se recusava mostrar os valores pessoais de coragem a que se aliavam elementos espirituais e religiosos de uma tradição religio-guerreira. Poder-se-á ler, entre muitos, Gaston Richard (*"L'Évolution des Mœurs"*, ed. Doin, Paris, 1925, caps. VII e VIII), Charles Letourneau (*"La Guerre"*, Paris, 1895), E. M. Loeb (*"The blood sacrifice complex"*, n.º 20 das *"Memoirs of the Amer. Anthrop. Association"*), Alfred Métraux, *La Religion des Tupinambá et ses rapports avec celles des autres tribus tupi-guarani* (Paris, 1928, ps-124-169).

(21) M. E. Gomes de Carvalho, recordando a expedição de Cristóvão Jaques ao Brasil, em 1526, para repressão do tráfico estrangeiro, e a ferocidade com que esta se exerceu, depois da tomada da fortaleza que os franceses haviam construído em Pernambuco, escreve: — **Foram implacáveis os vencedores com êsses que se fiaram em sua generosidade. Aos que não enforcaram, aplicaram um suplício singularmente bárbaro: enterraram-nos até os ombros, martirizaram-nos e tiraram-lhes a vida às setadas e tiros** (*"D. João III.º e os Franceses"*, ed. Liv. Clássica Editora, ps-18-19, Lisboa, 1909).

Em abono, cita o autor o Corpo Cronológico, parte-1, maq-43, doc-25 e maq-41, doc. 30, no arquivo da Torre do Tombo em Lisboa. O longo inquérito que se fez em França, dirigido pelo almirante da Bretanha, foi enviado, com os protestos do governo de França, ao Rei de Portugal. E', pois, um fato histórico o episódio ouvido por Montaigne.

(22) O ódio dos indígenas aos portugueses passou à História como um dos mais profundos e violentos sentimentos de vingança. Hans Staden narrou minuciosamente o que lhe custou o ser tido por português. Thevet, querendo salvar um jovem prisioneiro, foi jogado por terra pelos seus hospedeiros que se mostravam, há minutos, afetuosa e conciliadores. Lery mostra que o acolhimento com que invariavelmente o distinguiram era a certeza dele não pertencer à raça odiada. Jean Crespín insiste em informar que **jusques au jour d'huy ils (os tupinambás) ont en delice et volupté de manger de la teste d'un portugais**. Tantíssimos anos depois do domínio francês no Rio de Janeiro, Anthony Knivet ainda encontrava, latente e fumegante, a cólera dos índios brasileiros contra o colonizador lusitano.

(23) O ambiente se prestava a qualquer homfilia. A França vivia seus quarenta anos de sangue, numa sucessão de guerras, tumultos, massacres, assassinatos, emboscadas, incêndios. Quando os *"Essais"* foram publicados começava a sétima guerra. Os vários hereditários do trono batiam-se arrastando multidões que matavam a seu modo e gosto.

A alusão de Montaigne é ao **Saint Bartholemy**, 24 de agosto de 1572, que alagou de barbarie todo o território francês. A-pesar-de ter, voluntariamente, prestado o juramento católico em 1562, Montaigne ficou sempre com a simpatia instintiva e vaga pelos huguenotes. O chefe deles, Henrique de Navarra, era amigo pessoal do ensaísta que o hospedou, em 1584, em Montaigne. Ficára, juridicamente, fiel a legalidade que era Henrique III a quem acompanhou a Rouen, malquistando-se com os Guises. Quando o letrado, cético e simples, apareceu em Paris, os **ligueiros** prenderam-no na Bastilha... por um dia! A-pesar-disto ou por causa disto, Montaigne foi a Blois assistir a segunda reunião dos Estados Gerais onde mataram o Duque de Guise, **le Roi de Paris**, como lho chamou Henrique III, anunciando à moribunda Catarina de Medicis a morte do rival. **Ce n'est pas tout de tailler, mon fils**, aconselhou a extraordinária velha, **il faut recoudre...**

Esta tarefa foi cometida ao Bearnês. Mas, para chegar ao edito de Nantes, pizou-se em muito coágulo de sangue humano. Montaigne, que adiante citaria a décima-quinta sátira de Juvenal, bem lembrado estaria que o poeta latino, tantos séculos antes, assistira, exilado no Egito, os habitantes de Tentiros matarem um homem de Coptos, devorarem-no, roendo até os ossos, **totum corrosis ossibus**. O motivo era religioso e político, como o da França quinhentista.

Vivesse perpétuamente, e Montaigne habituar-se-ia com o método de proselitismo que empregamos, sem solução de continuidade, desde Cain e Abel. Ainda o mais fácil e decisivo argumento para a catequese política é a supressão do recalcitrante.

(24) Os habitantes de Alésia não chegaram a praticar o resolvido. Júlio Cesar nos **Comentaires sur la Guerre des Gaules** (trad. D'Artaud, ed. Garnier, Paris, s. d. tomo-I, livro-VII, LXXVII, p-313) regista o episódio. E' um conselho de Critognato, na reunião dos chefes em Alésia: **Quel est donc mon avis? de faire ce que firent nos ancêtres dans la guerre bien moins dangereuse des Cimbres et des Teutons. Renfermés dans leurs places, également pressés par la disette, ils soutinrent leur existence avec les corps de ceux que leur âge rendait inutiles à la guerre, it ils ne se rendirent point.**

Posto a votos, o projeto Critognato passou com emendas. Resolveram expulsar aqueles que a fraqueza ou a idade tornasse inúteis para a defesa da praça. Os Mandubianos, povos do Auxois, foram despedidos de Alésia e os romanos não os deixaram aproximar-se de seu acampamento. Sucedeu-lhe o que aconteceu com os velhos, mulheres e feridos do Chateau Gaillard, no cerco que lhe fez Felipe Augusto. Em Alésia, dias depois, três ou quatro, depois de batalhas furiosas, Vercingetorix rendeu-se. Não houve lugar para a idéia de Critognato.

(25) Juvenal, sátira XV. **Superstilio**, versos 93-94. Nas *Oeuvres complètes de Juvénal*, tradução francesa de Dusaulx e J. Pierrot (ed. Garnier, Paris, s. d. p-194) lê-se: — **On dit que les Gascons prolongèrent quelque temps leur vie à l'aide d'un pareil aliment. Dir-se-á que: dizem que os Gascões prolongaram algum tempo sua vida com o auxílio dum alimento semelhante.**

O verso de Juvenal teve por tema um fato histórico. A cidade de Calaguris, hoje Calahorra, na Espanha tarragonesa, fiel a Sertorius, foi cercada por Pompeu e Métellus. Exgotados os víveres, os assediados salgaram os cadáveres de suas mulheres e filhos e

com essa alimentação resistiram. Valério Máximo registou o episódio. Vide **Oeuvres Complètes de Valère Maxime**, tradução francesa de C. A. F. Frémion (ed. Garnier, Paris, s. d.) no II.º tomo, p-132 (livre-VII, étr-3).

(26) Teria Montaigne lido Jean de Lery? A-pesar-de não citar um só nome próprio de viajante ou cronista que tivesse registado os acontecimentos da França Antártica e as maneiras da vida selvagem, Montaigne naturalmente leu as informações de Villegagnon, Cointa, Barré, dos teólogos luteranos, dezenas e dezenas de cartas que andavam copiadas e lidas de mão em mão.

O **Histoire d'un voyage fait en la Terre du Bresil** é de 1578, dois anos antes da publicação dos **Essais**. O **Maire** de Bordeaux, que reunira em sua casa uma coleção de armas e utensílios indígenas, forçosamente procuraria conhecer, em maiores detalhes, os aspectos da região maravilhosa que escolhera para cotejar com a sua pátria, revivida e convulsa pela política e ambição dos nobres.

O livro de Lery tivera duas edições em 1578, ambas em La Rochelle, colmeia luterana, e mais duas em 1580, em Geneve, ninho calvinista. Não é possível escapar algum exemplar, dessas quatro impressões anteriores aos "Essais", à compra dum bibliófilo como Montaigne.

Os pontos de contato, nas minúcias da vida brasileira e nas considerações filosóficas e sociais, são frequentes e de tal forma flagrantes que esse longo trecho, aqui transcrito, dirá quem deu o mote e glosou para que o outro fizesse, numa frase, o resumo nítido.

"Poderia ainda aduzir outros iguais exemplos a respeito da crueldade dos selvagens para com os seus inimigos, si me não parecesse, que quanto tenho dito basta para causar horror, e arrepiar aos leitores os cabelos da cabeça. Todavia quantos lerem tão horríveis cousas, diariamente praticadas, entre as nações bárbaras da terra do Brasil, reflitam também no que se faz por cá entre nós; pois se em boa e sã consciência considerarmos a matéria, diremos, que são mais cruéis do que os selvagens, de que falo, os nossos grandes usurarios, que, sugando o sangue e o tutano, consequentemente comem vivos viúvas, orfãos e outras pessoas miseráveis, a quem melhor seria cortar a garganta de um só golpe do que exgotá-las lentamente.

Eis aqui porque disse o profeta, que tais indivíduos esfolam a pele, comem a carne, quebram e espedaçam os ossos do povo de Deus, como si os aferventassem na caldeira.

Ainda mais: si quizermos chegar à ação real de mastigar e comer (no sentido próprio da palavra) a carne humana, não achamos nas nossas regiões de cá, e até entre os mesmos condecorados com o título de cristãos, quer na Itália, quer alhures, alguns que, não contentes de trucidar cruelmente os seus inimigos, só saciaram a sua cólera devorando-lhes o fígado e o coração?

Refiro-me à história. E sem ir mais longe, o que vemos em França (sou francês e pesa-me dizê-lo) durante a sangüinosa tragédia, que começou em Paris a 24 de agosto de 1572?

Não acuso aos que não foram causa; mas entre outros atos de horrenda recordação, perpetrados então por todo o reino, não é sabido, que foi publicamente vendida ao maior lançador a gordura dos corpos humanos, que de modo mais bárbaro e mais cruel do que o dos selvagens foram trucidados em Lião, depois de tirados do rio Saona?

O fígado, coração e outras partes do corpo de alguns indivíduos foram comidos pelos furiosos assassinos, de que se horrorizam os infernos.

Depois de miseravelmente morto um fulano Coeur du Roi, confessor da religião reformada em cidade de Auxerre, os perpetradores deste assassinato não lhe cortaram o coração em pedaços, não os expuseram à venda a criaturas odientas, e finalmente não os comeram assados em grêlhas para saciar a raiva, como mastins?

Existem ainda vivas milhares de pessoas, que testemunharam essas cousas dantes nunca ouvidas entre qualquer povo; e os livros já impressos, as atestaram à posteridade.

Depois desta execrável carniceria do povo francês, reconhecendo alguém, cujo nome protesto ignorar, que a maldade excedia a todas quantas eram sabidas, para expressar, compôs os seguintes versos:

Riez Pharaon,
Achab, Neron,
Herodes aussi;
Votre barbarie
Est ensevelie
Par ce fait icy.

De hora em diante, pois não abominemos tanto a crueldade dos selvagens antropófagos, isto é, comedores de homens; por quanto existem indivíduos tais ou antes mais detestáveis e piores no meio de nós do que aqueles que só investem contra nações suas inimigas, como vimos, quando estas aliás mergulham-se no sangue dos seus parentes, vizinhos e compatriotas; e nem é preciso ir fora do nosso país, ou chegarmos à América para ver cousas tão monstruosas e extraordinárias".

(Lery, p-270-271, da trad. de T. Alencar Araripe, não respeitando sua ortografia).

(27) Montaigne, resumindo o heroísmo imperturbável dos condenados a morte, escreveu: **Il ne s'en veoid aucun qui n'ayme mieux tué et mangé, que de requerir seulement de ne l'estre pas.** Com singular acuidade fixou Montaigne o caráter altivo do aborígene e seu fiel cumprimento à tradicional coragem racial. Gonçalves Dias no "**Y-Juca-Pirama**" evoca a cólera do velho guerreiro cego que sente o filho voltar da prisão inimiga por ter alegado, não o pavor de morrer, mas o sacrifício do pai de quem era guia e sustento. **Meu filho não és!** chorava, gritando de orgulho, o veterano alquebrado, palpando a cabeça do herdeiro e sentindo-a raspada pelo vencedor. E só um ato louco de valentia restituiu ao jovem a inteireza do amor paterno.

O prisioneiro, como seus sacrificadores, cumpria um ritual que o faria repudiado por todas as tribus si não satisfizesse com seu sangue. A totalidade dos cronistas do Brasil colonial informa que a manducação da carne humana era por espírito de vingança e não por gulodice.

O preso dansava, cantava, comia e bebia na celebração do próprio sacrifício. Gabriel Soares de Souza informava: e a **véspera em todo dia cantam e bailam, e ao dia se bebem muitosinhos pela manhã, com motes que dizem sobre a cabeça do que há-de padecer, que também bebe com eles** ("**Roteiro do Brasil**", p-335-6). Não é diversa a notícia de Fernão Cardim: e assim vai engordando, sem por

isso perder o sono, nem o rir e folgar como os outros, e alguns andam tão contentes com haverem de ser comidos, que por nenhuma via consentirão ser resgatados para servir, porque dizem que é triste cousa morrer, e ser fedorento e comido de bichos ("Tratados etc.", p-182). André Thevet registára idênticamente: *J'ay autrefois (pour plaisir) deuisé avec tels prisonniers, hommes beaux et puissans, leur remonstrât, s'ils ne se soucioient autrement d'estre ainsi massacrez, comme du iour au lendemain à quoy me respondans en risée et moquerie...* ("Singularitez", p-200). O depoimento de Jean de Lery é igual: O mesmo prisioneiro, que não ignora que a assembleia reúne-se por sua causa, e que ele vai ser morto dentro de poucas horas, depois de enfeitado de penas, longe de apresentar-se pesaroso, ao contrário, saltando e bebendo, mostra-se como um dos mais alegres convivas ("História de uma Viagem", p-260). Frei Vicente do Salvador narra o mesmo: ordenam grandes festas e ajuntamentos de parentes e amigos, chamados de trinta, quarenta leguas, com os quais na véspera e dia do sacrifício cantam e bailam, comem e bebem alegremente, e também o padecente come e bebe com eles ("História do Brasil", São Paulo, 1918, p-67). Hans Staden visitando em sua prisão um condenado Maracajá só o ouvia ridicularizar os tupinambás inimigos, gabando que sua tribo fazia maiores e melhores as *mussuranas* (cordas) que o amarravam para o suplício próximo.

(28) Claudiano, *De sexto Consulatu Honorii*, verso-248-9: Não há verdadeira vitória além daquela que obriga o inimigo a confessar-se vencido.

Essa glória era impossível. Nenhum guerreiro, mesmo vencido, aclamava o adversário como vitorioso. O perdão, na psicologia selvagem, era ilógico porque fazia do inimigo um ser sem família e sem companheiros, expulso de todas as tribus. Thevet, bem ao par do espírito indígena, escreveu: — *Et estiment celuy là poltron, et lasche de coeur, le quel ayant le dessus de son ennemy, le laisse aller sans se venger, et sans le massacrer* ("Cosmographie Universelle", fol-909). A fuga de prisioneiros e seu resgate (troca por objetos) marcam a vinda do europeu e uma imediata assimilação de seus hábitos.

(29) Sêneca, *De Providentia*, c. 3. Se tombar, combate de joelhos.

(30) A fonte que serviu a Montaigne para o episódio de Ischo-las parece ter sido Diodoro Siculo, livro-XV, LXIV. Apenas Diodoro Siculo regista os detalhes da ação talqualmente Montaigne escreveu. A edição que possuo é a Hachette, Paris, 1912, *Bibliothèque Historique de Diodore de Sicile*, dirigida por Ferd. Hoefer, IIIº volume, p-177-8.

(31) A canção de morte, entoada orgulhosamente pelo indígena prisioneiro, instantes antes de ser sacrificado, é duma beleza surpreendente. Nenhum documento retrata, como este, a razão de ser da antropofagia ritual dos nossos selvagens. A vingança do sangue aí está fixada em todo seu esplendor bárbaro e sincero. O sangue era a força, o heroísmo, a vida. Um dos mais antigos castigos militares dos Romanos consistia em sangrar os soldados cul-

posos, apud Aulo Gelo Gelo, *Oeuvres Complètes*, (trad. francesa de Chaumont, Flammarion e Buisson. Ed. Garnier, s. d.) volume-II, p-15 (livre-X, VIII): *Um châtiment militaire, qui remonte à une haute antiquité, c'est celui qui consiste à faire ouvrir une veine et à tirer du sang aux soldats qu'on veut frapper d'une peine infamante.*

Para que o sacrifício fôsse integral, segundo a tradição, era preciso que o condenado fôsse valente e proclamasse suas façanhas anteriores, suas vitórias sobre os membros da tribo que iria devorá-lo. Daí o prisioneiro, com bravura derradeira, narrar seus combates, dizendo ter comido o pai deste, o irmão daquele, minuciando sua coragem. Numa canção de morte, que Hans Staden ouviu dos prisioneiros tupiniquins, há este trecho esclarecedor e valioso: *sai-mos como costumam fazer os bravos, para aprender a comer os nossos prisioneiros. Venceste-nos e nos aprisionastes, mas nós não fazemos caso disso. Os valentes morrem na terra dos inimigos. A nossa nação é grande e nos há-de vingar!*...

O elo da continuidade seguia, perpétuamente, seu ciclo trágico. Cada morte abria uma dívida que outra morte saldava, abrindo outro débito. A canção recolhida por Montaigne e só registrada em seu estudo, é a mais explícita e completa na explicação intrínseca da antropofagia.

(32) Informações de Gabriel Soares de Sousa: *A mulher verdadeira dos Tupinambás é a primeira que o homem teve e converrou...* os índios principais têm mais de uma mulher, e o que mais mulheres tem, se tem por mais honrado e estimado (p-311). E as que querem bem aos maridos, pelos contentarem, buscam-lhe moças com que eles se desenfadem, as quais lhe levam a rede onde dormem, onde lhe pedem muito que se queira deitar com os maridos (p-316). Jean de Lery: — *é permitido aos homens ter tantas quantas lhes apraz, e aqueles que maior número de mulheres têm são considerados mais valentes e ousados, convertendo-se assim o vício em virtude.* Alguns vi, que tinham oito, cuja enumeração ordinariamente fazia em seu louvor (p-292). André Thevet escreve: — *Un homme d'autant plus qu'il est estimé grande pour ses prouesses et vaillantises en guerre, et plus luy est permis auoir de femmes pour le servir: et aux autres moins* ("Singularitez", p-210-11): *Ce que j'ay veu en la maison d'un nommé Quoniambec, le quel entretenoit avec luy huit, et cinq qu'il auoit hors de sa maison* (Cosmographie Universelle", p-933). Hans Staden lembra que certos chefes tinham quatorze ou treze mulheres e o seu senhor, Abaty Bossange, possuía um grande número delas. No *Diálogos das Grandezas do Brasil*, (ed. da Academia Brasileira de Letras, notas de Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro, 1930) diz Brandônio: *Podem tomar três e quatro, e ainda sete ou oito, segundo a valentia e esforço, de que cada um é dotado* (p-269). Poder-se-ia citar outros cronistas, acordes nesse ponto.

Parece que a posse das mulheres, reminiscências de sua tomada violenta, ainda mais de perto toca aos recursos materiais do indígena que ao seu direito. Como demonstração de prestígio o harem era uma concessão feita pelos companheiros. A primeira mulher semelha possuir os direitos de verdadeira esposa e, passados anos, já velha, dirigia a casa inteira com sua coorte de colegas de tálamo, inferiores cronologicamente mas superiores em mocidade. A essas segundas e terceiras esposas o indígena considerava entre amasias e escravas. Ainda hoje os Carajás do rio Araguaia cedem as mulheres aos hospedes, guardando ciosamente a primeira, aliás velha e comumente horrenda.

Para o indígena brasileiro a poligamia não se revestiu das formas exóticas e promíscuas quanto a dos indígenas norte-americanos da Califórnia os quais, casando com uma irmã mais velha, ficam com o direito de posse a todas as restantes irmãs e, às vezes, sem exclusão da sogra, (Bancroft, *Native Races of the Pacific States*, volume I, p-388). *It is for a man, escreve Bancroft, to marry a whole family of sisters and sometimes the mother also, if she happen to be free.*

O caráter geral da poligamia indígena no Brasil, como se deduz das citações públicas de Montaigne, é universal.

(33) Montaigne comparou o poema lírico do indígena brasileiro com a poética grega, possivelmente os epigramas antológicos. A canção citada é uma das privativas aos rapazes, **curumi-assú**, não podendo ser cantada por homem casado ou mulher. O general Dionísio Cerqueira registou um canto semelhante, num dos afluentes do alto rio Negro, pertencente às moças, **cunhã-mocu**, e por elas exclusivamente entoado. É o canto da **íandú** (aranha) onde a rapariga exprime seu desejo de casamento sob cores claras e sugestivas. (*Reminiscências da Fronteira*, ed. Brigueit, p-84-85, Rio de Janeiro, 1928).

Yandú ce çuu, yandú ce çuu
 aranha me mordeu, aranha me mordeu.
Apecatú yandú ce çuu
 longe, a aranha me mordeu.
Ne cupicháua rapé o pê
 no caminho de tua roça
Yandú ce çuu
 a aranha me mordeu.
Meháta ce pusanga, curumy-uçu?
 qual é o meu remédio, moço?
Agáua pirêra, cunha-mocu!
 pele de homem, donzela!
Remehen ce pusanga curuteu
 me dê já o meu remédio.
Curumú xa manô ne çui
 sinão eu morro e me vou
Yandú ce çuu
 aranha me mordeu.

A versão é de Dionísio Cerqueira que conhecia admiravelmente o **nheengatú**. Permite-me apenas raduzir **agáua**, que é corrutela de **apigáua**, homem, e não de **mira** ou **tapiia**, gente, por homem, varão, macho, em vez de gente, como está escrito.

Não possuímos grandes coleções de versos indígenas. A maioria dos sabidos é trabalho da catequese e já possui fins apologéticos. A lírica está deformada porque nenhum jesuíta deixará passar o **agáua pirêra**, pele de macho, como remédio indicado para a moléstia da moça selvagem. O canto da **íandú** é, entretanto, um dos mais típicos e característicos. A Academia Brasileira de Letras publicou uma **Trovas Indígenas**, reunindo-as aos **Poemas** de Joseph de Anchieta e ao **Diálogo** de Jean de Lery (*Primeiras Letras*, Rio de Janeiro, 1923). O barão de Santa Anna Nery traz algumas em seu **Folk-Lore Brésilien** (ed. Perrin. Paris. 1889). A melhor coleção reunida é a de Barbosa Rodrigues na sua magnífica **Poranduba Amazonense** (*Anais da Biblioteca Nacional*, vol-XIV, fas-2, p-281 e seg. Rio de Janeiro. 1890) para os tupís, e para os Parecís o

Rondônia do prof. Roquette Pinto (três edições, a mais recente em S. Paulo, 1935, Companhia Editora Nacional) acompanhado de músicas, quando Barbosa Rodrigues apenas a solfa de um Sairé.

Entre as poéticas tradicionais do Japão e Brasil indígena existe a ligação da simplicidade e da síntese. A clareza das **tankas** e das nossas **neengareçauas** são irmãs.

Esses dois pequeninos poemas, simples fixação duma paisagem, com a precisão e a graça leve e clara de um croquis, dirão melhor.

Aqui está uma **tanka** de Nico D. Horigutchi, que tantos anos esteve na embaixada do Japão junto ao governo do Brasil. O poeta, embora traduzindo-a para o francês, manteve-a em toda sua claridade original:

Sur le lac tranquille
Le cygne regarde
Tomber les feuilles d'or.

E logo esse poema que Barbosa Rodrigues ouviu cantar nas margens do rio Purús e onde se fala no Iapacaní, gavião real (*Spi-zastur tyrannus*):

Yapacany uirá assú poranga
Re uapêce recanga recé,
Yapacanim, yapacanim, yapacanim!

(Iapacanim, grande pássaro lindo,
 Tú pousas no galho...
 Iapacanim, iapacanim, iapacanim!)

(34) Rouen, **ville Metropolitaine du pays de Normandie**, era a cidade para onde afluíam mercadores, marinheiros e viajantes da nova América. Informa Gaffarel que já em 1509 sete indígenas brasileiros, com seus **enduapes**, **acangatáras** de penas vistosas, armados de arcos, flexas e **tacapes**, dansavam para o povo de Rouen. As visitas se repetiam e sempre a cidade hospedava **tuixáuas** e guerreiros que, na terra americana, se tinham aliado aos franceses. Foi em Rouen que, a 1.º e 2 de outubro de 1550, o rei Henrique IIº e sua mulher Catarina de Medicis receberam festas suntuosas. No programa constou um **esbatement américain ou schlomachie des sauvages**. Numa praça construiu-se uma aldeia tupinambá e nela cinquenta brasileiros e duzentos e cinquenta normandos fingindo selvagens, tatuados, semi-nús, com batoques nos lábios e **namipóras** nas orelhas, cercados por animais, árvores, aves e frutos do Brasil, cantavam, dansavam, guerrearam, revivendo a Pindorama longínqua. Houve mesmo um combate, fingido já se vê, entre **Tupinambaulx** e **Tabagerres**. Os soberanos franceses aplaudiram muito e fizeram repetir a cena no dia seguinte.

São notas devidas a Ferdinand Denis que encontrou e fez reimprimir o velho opúsculo de 1551, anotando-se preciosamente. Vêr **Une fête bresilienne célébrée à Rouen en 1550, suivie d'un fragment du XVI siècle roulant sur la Théogonie des anciens peuples du Brésil et des poésies en langue tupique de Christovam Valente** (ed. de J. Techener, Paris, 1850). O fragmento sobre a teogonia é apenas um capítulo de André Thevet, intitulado **Légères croyances des sauvages austraux**, pertencente a **Cosmographie Universelle**. As poesias em **langue tupique** são hinos em **nheengatú** mas escritos por cristão e civilizado, com intúitos apologéticos.

Montaigne esteve com Carlos IX no cerco de Rouen em 1562 e esta festa, que o Rei menino assistiu e palestrou com os brasileiros,

se deve ter dado depois de 1563, maioridade do Rei, e antes de 1565. Neste último ano Montaigne casou com Francisca de La Chassaigne e ficou em casa, em idílio.

Mesmo em Bordeaux, em pleno domínio das simpatias de Montaigne, houve em 1565 uma **Fête Brésillienne**, a 9 de abril, ante Carlos IX. Os índios falaram ao Rei e dansaram. E' lógico que Montaigne haja assistido a festa na cidade em que seu Pai fôra **maire** e ele próprio o seria duas vezes.

(35) A surpresa dos tupinambás ante o poder de um menino devia ter sido grande. Para eles o chefe era o mais forte fisicamente porque, como nas realidades feudais, assentava-se na guerra constante. Ainda em 1817 o príncipe de Wied-Neuwied anotava, entre os Botocudos dos arredores de Belmonte, na Baía: — **a igualdade física reina entre todos os homens: a só distinção é aquela que se obtém pela força do braço.**

(36) O trugimão, turgimão, o língua, intérprete normando, foi o melhor e mais ativo elemento que os franceses contavam para o comércio no Brasil. Adaptaram-se completamente às exigências da vida selvagem. Tatuavam-se inteiramente, riscando à dente de cacia todo o corpo. Furavam os lábios e as orelhas para as **metaras** ornamentais, tornando-se indispensáveis pelo completo conhecimento do idioma e psicologia indígenas. Submetiam-se a todos os hábitos da terra, embriagando-se com o **canin** mastigado, comendo tudo inclusive, dizem, a carne humana. Casavam com filhas dos **tuixáuas**, sendo seus conselheiros nas negociações e daí o prestígio em que refocilavam, desfrutando harens e recusando, às vezes, o retorno aos imperativos morais da civilização que haviam renunciado. Residiam comumente nas aldeias, anos e anos de contacto faziam-nos verdadeiras autoridades para a indiaría. Na repressão que Portugal fez aos franceses, várias vezes, as tropas indígenas apareciam comandadas pelos trugimões normandos, índios por interesse e vontade.

Eram chamados **Truchement**, de **trucher**, mendigo por ociosidade, o nosso malandro, vivo, atilado, arguto, cheio de expedientes, capaz de milagres para não trabalhar e terminando por fazê-lo como ninguém.

(37) A resposta do chefe selvagem dando como sinal de sua realza a posição mais avançada ante o inimigo devia ter deliciado Montaigne, leitor de clássicos. Em Sparta o Rei era acompanhado pelos vencedores dos jogos olímpicos. A disputa para a conquista desses prêmios era ter o direito de estar ao lado do Rei no momento supremo do avanço contra os adversários. Perguntaram a um atleta lacedemônio: **que vantagem tens desta vitória nos jogos olímpicos? — Marcharei diante do Rei quando formos ao combate,** respondeu o spartano, apud Plutarco (*"Vie de Licurgo"*, vol-I, p-95, na edição de Ricard).

(38) O chefe indígena respondeu magnificamente a Montaigne. Só o fato de limparem seu caminho constituía uma homenagem expressa. E' um ponto discutido entre os etnógrafos o poder do chefe, extenso na guerra e restrito na paz. Max Schmidt, baseado nos etnógrafos alemães, Martius, Karl von den Steinen, Ehrenreich,

Schomburgk, Everard im Thurn, estudou bem esse detalhe no seu ensaio **Sobre o direito dos selvagens tropicais da América do Sul** (Boletim do Museu Nacional, vol-VI, n.º 3, Rio de Janeiro, 1930, p-230) escrevendo: **Durante a paz o principal encargo do chefe de aldeia é a representação exterior à qual se liga a obrigação de dar hospitalidade aos enviados das tribus vizinhas. Quanto ao mais incumbe-lhe a direção do plantio bem como de toda a economia comum, organiza as pescarias e as partidas de caça empreendidas em comum pelos membros da aldeia, determina os acampamentos, os lugares de plantação e conclue trocas para a comunhão.**

Nas guerras, hoje quasi desaparecidas, o poder do chefe era incontestável e completo e ia até a vida dos seus guerreiros. O direito hereditário da sucessão era comum e só interrompido em caso de incapacidade física ou moral, discutida e proclamada pelo conselho da tribo, o **Moacaretá**. Atualmente é lógico que o chefe tenha apenas um ascendente moral mas este mesmo denuncia a passada grandeza do seu munus. Falta-lhe a força garantidora do direito que ninguém nega pertencer-lhe.

Parece que os chefes eram de duas categorias. O chefe de aldeia, eleito pelo **moacaretá** embora sucedendo ao seu pai, com jurisdição limitada às **ocas** derredor, e que era o **tuixáua**; e o chefe-supremo, englobando a jurisdição de várias aldeias, decidindo com maior amplitude e que era o **Morubichaba**, o **Morbixá** ou **Murbixá** dos cronistas franceses.

Stradelli ensina que **Tuixáua**, **Tuisáua**, chefe, maior, **tuicháua**, o **tuixáua** que parece soar — quem tem o sangue, é do sangue — de **tui**, sangue, e **sáua**, suffixo, que substantiva a idéia contida no prefixo. (Voc.- p-683). Teodoro Sampaio dá outra versão: — **Tucaua**, corr. **tu-chaba**, forma contracta de **Tub-echaba** ou **tu-eçaba**, visto que o **ç**, no tupi, é levemente chiado e não sibilado; exprime — a vigilância do pai, o governo paterno ou patriarcal. Designa o indivíduo que exerce a função do governo da tribo, o principal, o chefe, o maior. Alt. **Tuchava**.

O indígena que foi conversado por Montaigne era de categoria superior a um **tuixáua**. Fazia a inspeção das aldeias e que significava ser um **morubichaba**. Teodoro Sampaio ensina que: **Morubichaba**, corr. **mô-r-ibi-chaba**, faz inspeção da terra. A frase **ibi-chaba** é o mesmo que **ibi-eçaba** (o **ç** é levemente chiado no tupi) e significa — vista ou inspeção da terra. O tema **mô** ou **mbo** é o verbo coercitivo que exprime — fazer com que e assim, **Moribichaba** ou **morubichaba** significa — fazer com que inspecione a terra, o vigilante, o inspector, o que toma conta da terra; o chefe, ou principal, (*"Tupi na Geografia Nacional"*, terceira edição, Baía, 1928, p-270 e 329).

(39) O original traz: **ils ne portent point de hault de chausses**. Traduzi **hault de chausses** por calção como a idéia mais aproximada não só do indumento como da intenção de Montaigne.

Hault de chausses era uma peça do vestuário masculino dos séculos XVI e XVII, o **Haut de Chaussees** que lemos em Molière e em Regnard. Vinha da cintura até os joelhos e correspondendo hoje a **Culotte** comum aos militares. Era quasi privativa dos fidalgos e grandes burgueses, por exigir tecido vistoso e feitio amplo, tufado, tendo mais fazenda um **hault de chausses** que três calções dos pobres. Para a ironia de Montaigne nada serviriam os valores de inteligência, coragem, abnegação, pureza e simplicidade dos indígenas brasileiros desde que ignoravam o **hault de chausses**, indispensável e típico para os elegantes de sua terra civilizada.

